

SEGUNDA SEÇÃO

INTUIÇÕES, REFLEXÕES E IDEIAS PEDAGÓGICAS

Apresentação

Encontrada a sistematização definitiva da sua obra assistencial-educativa em Turim-Valdocco, em 1846, Dom Bosco se deu conta muito cedo da urgência de compor e publicar escritos que pudessem responder ao escopo da sua Obra e às necessidades dos jovens pobres e abandonados, muitas vezes analfabetos, que ali estavam recolhidos. Entre as suas primeiras publicações estão as que se referem à instrução e à escola.

Na seleção dos escritos e documentos principais a oferecer nesta coletânea antológica foram seguidos os critérios formulados na Introdução geral e rapidamente mencionados nas primeiras linhas desta apresentação.

Ao lado de textos e documentos mais conhecidos e difundidos – O Sistema Preventivo na educação, as Lembranças confidenciais aos diretores, a Carta de Roma de 10 de maio de 1884 – foram incluídos escritos menos conhecidos, que de algum modo ilustram assuntos e temas de notável interesse. No elenco, os títulos e núcleos mais relevantes são: insistência quanto à prática do Sistema Preventivo, orientações pedagógicas e questões disciplinares e escolásticas, normas e diretrizes referentes a leituras educativas e à difusão de bons livros.

Estes e outros argumentos são apresentados ou brevemente mencionados por Dom Bosco em cartas circulares e, mais frequentemente, em cartas pessoais dirigidas a jovens alunos, membros da Sociedade Salesiana, educadores em geral e autoridades civis e religiosas.

Quase a modo de exemplo, foram inseridos também nesta seção da coletânea textos de “boas-noites” ou “breves exortações antes do repouso no fim do dia” aos jovens do Oratório de Valdocco.

Na articulação da seção e no ordenamento dos diferentes escritos que a compõem, levou-se em conta a sua relevância e as exigências dos diversos agrupamentos formados pelos documentos que tratam de argumentos afins. Ao passo que na disposição dos elementos que integram cada um dos mencionados agrupamentos, teve-se presente como norma o critério cronológico.

I. ORIENTAÇÕES PARA A DIREÇÃO DAS CASAS SALESIANAS (1863-1887)

Na origem do autorizado documento Lembranças confidenciais¹, encontra-se uma carta escrita por Dom Bosco ao padre Miguel Rua, chamado por Dom Bosco, no outono de 1863, a assumir o encargo de dirigir a primeira casa salesiana fora de Turim: o colégio ou pequeno seminário de São Carlos em Mirabello Monferrato². No escrito, enviado ao jovem diretor, Dom Bosco entendia transmitir as orientações pedagógicas e espirituais já postas em prática em Valdocco, que deveriam caracterizar também o trabalho apostólico e educativo na nova fundação no Monferrato.

Trata-se de um documento “ditado pelas urgências imediatas, mas que sob a aparência de conselhos práticos, exemplos concretos, rápidas anotações e intuições, traz a marca das profundas certezas e das vivas preocupações de Dom Bosco. Ele mesmo se mostra convencido disto, tanto é que a carta, que em 1863 não passa de uma simples carta de caráter pessoal ao padre Rua, em seguida – desde 1871 –, com alguns retoques e algumas integrações ditadas pelas sucessivas experiências e reflexões, se apresentará como “Lembranças confidenciais aos diretores das casas particulares da Sociedade Salesiana”³.

A última edição impressa das Lembranças Confidenciais – precisamente a inserida neste volume – aparece com a data de 8 de dezembro de 1886, aproximadamente um ano antes da morte de Dom Bosco. Os vinte e seis pontos da carta primitiva ao padre Rua se enriqueceram com novos conteúdos e duplicaram de número, chegando a quarenta e sete. Estes se articulam em oito breves parágrafos que percorrem os momentos da vida, as principais tarefas e o modo de comportar-se do diretor-educador de uma casa salesiana.

O escrito foi objeto de atento estudo e de reflexões no sétimo Capítulo-Geral salesiano de 1895 e no primeiro Capítulo Americano da Pia Sociedade Salesiana (Buenos Aires, 1901). Mais tarde, nas reuniões dos inspetores salesianos europeus em 1907, surgiu esta orientação: “Os Diretores fariam ótima coisa se no dia do exercício da boa morte relesem atentamente as Lembranças Confidenciais de Dom Bosco, que encerram tanta sabedoria pedagógica”⁴.

¹ Francisco MOTTO, *I “Ricordi confidenziali ai direttori” di don Bosco*, em RSS 3 (1984) 25-166.

² Mirabello Monferrato: município da província de Alessândria (Piemonte).

³ DBE, *Scritti*, pp. 173-174.

⁴ *Atti del Primo Capitolo Americano della Pia Società Salesiana*. Buenos Aires (Almagro), Collegio Pio IX di Arti e Mestieri 1902, p. IV; ASC E171 *Convegni Ispettori 1907-1915*; José Manuel PRELLEZO, *Linee pedagogiche della Società Salesiana nel periodo 1880-1922. Approccio ai documenti*, em RSS 23 (2004) 107.

150. Lembranças confidenciais aos diretores da casa de...

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 173-186.

Contigo mesmo

1° Nada te perturbe⁵.

2° Evita as austeridades na alimentação. As tuas mortificações consistam na diligência nos teus deveres e em suportar as moléstias causadas por outros. Todas as noites repousarás por sete horas. Prescreve-se uma hora a mais ou a menos para ti e para os outros, quando houver alguma causa razoável. Isso é útil para a tua saúde e para a dos teus dependentes.

3° Celebra a santa missa e recita o breviário *pie, attente ac devote*. Isso para ti e para os teus dependentes.

4° Nunca omitir a meditação todas as manhãs, e ao longo do dia uma visita ao Santíssimo Sacramento. O restante, como está disposto nas Regras da Sociedade.

5° Procura fazer-te amar, mais do que fazer-te temer. A caridade e a paciência te acompanhem constantemente ao mandar, ao corrigir, e fazê com que cada uma das tuas ações e palavras mostrem que buscas o bem das almas. Tolerar qualquer coisa quando se trata de impedir o pecado. Tuas solitudes se voltem para o bem espiritual, sanitário e científico dos jovens que a divina Providência te confiar.

6° Nas coisas de maior importância faz sempre uma breve elevação do coração a Deus antes de deliberar. Quando te relatam algo, escuta tudo, mas procura esclarecer bem os fatos e ouvir ambas as partes antes de julgar. Não raro algumas coisas parecem uma trave ao primeiro relato, não passam de palha.

Com os professores

1° Procura que aos professores não falte nada do que lhes for necessário para o alimento e a roupa. Leva em conta as suas fadigas, e quando doentes ou simplesmente indispostos, manda logo alguém substituí-los na aula.

⁵ Primeiras palavras de uma conhecida oração de Santa Teresa de Ávila (1515-1582).

2º Fala muitas vezes com eles separada ou simultaneamente; observa se não são demasiadas as suas ocupações; se lhes faltam roupas, livros; se têm algum sofrimento físico ou moral; ou então, se em suas aulas têm alunos que precisam de correção ou de atenção especial quanto à disciplina, ao modo e grau de ensinamento. Conhecida alguma necessidade, faz o que puderes para providenciar a solução.

3º Mediante conferências apropriadas recomenda que interroguem indistintamente todos os alunos da classe; que leiam por turnos os trabalhos de cada um. Fugam das amizades particulares e da parcialidade, e nunca levem alunos ou outras pessoas para o próprio quarto.

4º Devendo dar incumbências ou avisos aos alunos, usem uma sala ou um aposento destinado a esta finalidade.

5º Quando ocorrerem solenidades, novenas ou festas em honra de Maria Santíssima, de algum santo padroeiro do lugar, do colégio, ou algum mistério da nossa santa religião, comuniquem a celebração com breves palavras, mas que isso nunca seja omitido.

6º Cuide-se para que os professores nunca mandem algum aluno embora da classe, e quando forem absolutamente obrigados a isso, façam com que ele seja acompanhado até o superior. Como também nunca batam nos alunos negligentes ou delinquentes, por nenhum motivo. Acontecendo alguma coisa grave, avise-se imediatamente o diretor dos estudos ou o superior da casa.

7º Os professores, fora da aula, não exerçam nenhuma autoridade sobre os seus alunos, e se limitem a conselhos, avisos ou, no máximo, às correções que a caridade bem entendida permite ou sugere.

Com os assistentes e os chefes de dormitório

1º O que foi dito quanto aos professores, em grande parte pode-se aplicar também aos assistentes e aos chefes de dormitório.

2º Procura distribuir as ocupações de tal modo que tanto eles quanto os professores tenham tempo e comodidade para atender aos próprios estudos.

3º Procura entreter-te de bom grado com eles para ouvir seu parecer quanto ao comportamento dos jovens que lhes foram confiados. A parte mais importante dos seus deveres consiste em estar pontualmente no lugar onde os jovens se reúnem para o repouso, as aulas, o trabalho, os recreios e semelhantes.

4° Notando que algum deles tem amizade particular com algum aluno, ou que a tarefa que lhe foi confiada ou que sua moralidade está em perigo, com toda prudência mudarás sua ocupação; se o perigo continuar, avisarás imediatamente o teu superior.

5° De vez em quando reúne os professores, os assistentes, os chefes de dormitório, e a todos dirás que cuidem para impedir más conversas, afastar qualquer livro, escrito, imagem, pintura (*hic scientia est*) e qualquer outra coisa que ponha em perigo a rainha das virtudes, a pureza. Deem bons conselhos, usem de caridade para com todos.

6° Seja objeto de comum solicitude descobrir os alunos que forem perigosos; descobertos, insiste para que te sejam indicados os nomes.

Com os coadjutores e as pessoas de serviço

1° Faze de tal modo que todas as manhãs possam assistir a santa missa e aproximar-se dos santos sacramentos segundo as Regras da Sociedade. As pessoas de serviço sejam exortadas a se confessarem cada quinze dias ou uma vez por mês.

2° Usa de grande caridade no mandar, mostrando com as palavras e os fatos que desejas o bem das suas almas: vigia especialmente para que não se contraia familiaridade com os jovens ou com pessoas externas.

3° Nunca permitir que entrem mulheres nos dormitórios ou na cozinha, nem que tratem com alguém da casa, a não ser por caridade ou absoluta necessidade.

4° Surgindo dissensões ou rixas entre as pessoas de serviço, os assistentes, os jovens ou outras pessoas, ouve cada um com bondade, mas normalmente exprimirás separadamente o teu parecer de tal modo que um não ouça o que se diz do outro.

5° Para as pessoas de serviço seja estabelecido como chefe um coadjutor de conhecida probidade, que acompanhe seus trabalhos e vigie quanto à sua moralidade, para que não aconteçam furtos, nem se tenham más conversas. Haja constante solicitude para impedir que alguém assuma encargos por conta própria, tarefas referentes aos parentes ou a outras pessoas externas, seja quem for.

Com os jovens alunos

1° Nunca aceitarás alunos expulsos de outros colégios ou a respeito dos quais conste que têm maus costumes. Se apesar de toda cautela, ocorrer aceitar algum desse tipo, encarrega logo um colega exemplar para que o assista e nunca o perca de vista. Caso cometa faltas em assuntos imorais, seja avisado apenas uma vez, e se recair, seja imediatamente mandado para casa.

2° Procura fazer-te conhecer pelos alunos e conhecê-los, passando com eles todo o tempo possível, empenhando-te em dizer-lhes ao ouvido alguma palavra afetuosa, como bem sabes, à medida que fores descobrindo a necessidade. Esse é o grande segredo que te fará dono do seu coração.

3° Talvez perguntes: – Que palavras são essas? Aquelas que no passado, em geral, foram ditas a ti. Por exemplo: Como vais? – *Bem*. – E quanto à alma? – *Mais ou menos*. – Tu deverias ajudar-me numa grande empresa; estás disposto a me ajudar? – *Sim, mas em quê?* – A tornar-te bom; ou então: a salvar a tua alma; ou ainda: a tornar-te o melhor dos nossos jovens. Com os mais levianos: – Quando queres começar? – *O quê?* – A ser a minha consolação; a ter o comportamento de São Luís. Aos que são um pouco retraídos quanto aos santos sacramentos: – Quando queres que quebre os chifres do demônio? – *De que modo?* – Com uma boa confissão. – *Quando quer?* – O mais cedo possível. Outras vezes: – Quando lavaremos a roupa? Ou então: Estás disposto a me ajudar a quebrar os chifres do demônio? Queres que sejamos dois amigos para os negócios da alma? *Haec aut similia*.

4° Nas nossas casas, o diretor é o confessor ordinário; por isso, mostra que ouves de bom grado em confissão a cada um, mas deixa ampla liberdade de se confessarem com outros, se assim quiserem. Dá claramente a conhecer que nas votações sobre o comportamento moral tu não tomas parte, e procura afastar qualquer sombra de suspeita de que te servirás, ou mesmo de que te lembrarás, do que te foi dito em confissão. Nem uses o mínimo sinal de parcialidade com quem prefere confessar-se com este e não com aquele.

5° O Pequeno Clero, a Companhia de São Luís, do Santíssimo Sacramento, da Imaculada Conceição sejam recomendadas e promovidas. Demonstra benevolência e satisfação para com os que nelas estão inscritos; mas tu serás somente o promotor, não o diretor delas; considera essas coisas como próprias dos jovens, cuja direção é confiada ao catequista.

6° Quando descobrires alguma falta grave, chama imediatamente para o teu aposento o culpado ou o suspeito do fato, e da maneira mais caridosa procura fazer com que ele declare a culpa e o erro em tê-la cometido; em se-

guida corrige-o e convida-o a acertar os assuntos da sua consciência. Com este meio e continuando a assistir benevolmente o aluno, foram obtidos efeitos maravilhosos e mudanças de vida que pareciam impossíveis.

Com os externos

1º Prestemos de bom grado a nossa colaboração para com o serviço religioso, a pregação, celebrar missas para a comodidade do público e ouvir as confissões, sempre que a caridade e os deveres do próprio estado o permitirem, especialmente em favor da paróquia cujos limites confinam com a nossa casa. Nunca, porém, se assumam compromissos ou outras tarefas que comportem ausência do estabelecimento ou possam impedir os encargos confiados a cada um.

2º Por cortesia, às vezes, sejam convidados sacerdotes externos para as pregações ou para outros empenhos, por ocasião de solenidades, de apresentações musicais ou coisas semelhantes. Esse mesmo convite seja feito às autoridades e a todas as pessoas caridosas ou beneméritas por favores que nos prestaram ou que estejam em condições de prestar.

3º A caridade e a cortesia sejam as notas características de um diretor para com os internos e para com os externos.

4º Em questões de coisas materiais sê condescendente em tudo o que puderes, mesmo com algum prejuízo, contanto que se afaste qualquer motivo de discussão ou coisa que possa fazer perder a caridade.

5º Se se trata de coisas espirituais, as questões se resolvam sempre de modo a poderem redundar na maior glória de Deus. Empenhos, caprichos, espírito de vingança, amor próprio, razões, pretensões e também honra, tudo se deve sacrificar para evitar o pecado.

6º Nas coisas de grave importância é bom pedir tempo para rezar e solicitar conselho a alguma pessoa pia e prudente.

Com os da Sociedade

1º A observância exata das Regras e especialmente da obediência é a base de tudo. Mas, se quiseres que os outros obedeçam a ti, sê tu obediente aos teus superiores. Ninguém é capaz de mandar se não é capaz de obedecer.

2º Procura dividir as coisas de maneira que ninguém fique muito sobrecarregado de incumbências, mas faz com que cada um cumpra fielmente as que lhe são confiadas.

3º Ninguém da Congregação faça contratos, receba dinheiro, faça trocas ou empréstimos aos parentes, aos amigos ou a outras pessoas. Ninguém conserve dinheiro ou administração de coisas temporais sem estar diretamente autorizado pelo superior. A observância deste artigo manterá longe a peste mais fatal para as congregações religiosas.

4º Abomina como veneno as modificações das Regras. Sua observância exata é melhor do que qualquer mudança. O ótimo é inimigo do bom.

5º O estudo, o tempo, a experiência fizeram-me comprovar que a gula, o interesse e a vanglória foram a ruína de congregações muito flóridas e de respeitáveis ordens religiosas. Os anos farão conhecer também a ti verdades que agora talvez te pareçam incríveis.

6º Máxima solicitude em promover com palavras e fatos a vida comum.

Ao mandar

1º Nunca ordenes coisas que julgas superiores às forças dos subalternos ou quando prevês que não serás obedecido. Evita ordens inaceitáveis; antes, tem o máximo cuidado em favorecer as inclinações de cada um, confiando de preferência os encargos que se sabe serem de maior agrado a este ou àquele.

2º Nunca mandar coisas prejudiciais à saúde ou que impeçam o necessário repouso ou venham a chocar-se com outras incumbências ou ordens de outro superior.

3º Ao mandar, usem-se sempre maneiras e palavras caridosas e delicadas. As ameaças, a ira, particularmente a violência, estejam sempre longe das tuas palavras e atos.

4º No caso de se dever ordenar coisas difíceis ou repugnantes ao subalterno, diga-se, por exemplo: Poderias fazer isto ou aquilo? Ou então: Tenho uma coisa importante de que não te queria incumbir porque é difícil, mas não encontro outro como tu para fazê-la. Terias tempo, saúde, e não há outra ocupação que te impeça, etc.? A experiência mostrou que modos assim, empregados a tempo, têm muita eficácia.

5º Faça-se economia em tudo, de maneira, porém, que absolutamente nada venha a faltar aos doentes.

Por outra parte, faça-se notar a todos que fizemos voto de pobreza, por isso não devemos procurar nem desejar comodidades em nada. Devemos amar a pobreza e os companheiros da pobreza. Evitar, pois, toda despesa não absolutamente necessária nas roupas, nos livros, na mobília, nas viagens etc.

Este é como um testamento que mando aos diretores das casas particulares. Se tais avisos forem postos em prática, morrerei tranquilo, porque estarei seguro de que a nossa Sociedade será cada vez mais florescente diante dos homens e abençoada pelo Senhor, e conseguirá o seu escopo, que é a maior glória de Deus e a salvação das almas.

Afeçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

Turim, 1886, Festa da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, 45.º aniversário da fundação do Oratório.

II. PREVENÇÃO E EDUCAÇÃO (1877-1878)

O Sistema Preventivo na educação da juventude (1877)⁶ é um dos documentos mais importantes e difundidos do fundador dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora. Trata-se da primeira e mais completa relação – apesar das suas dimensões reduzidas – que Dom Bosco compilou do próprio método educativo. A este “tratadozinho” esteve ligada intimamente por muito tempo sua reputação como “educador-pedagogo”.

Quanto à origem do documento, alguns elementos indicativos são oferecidos pela pequena crônica inédita do atento colaborador de Dom Bosco: Júlio Barberis⁷. No dia 12 de março de 1877, realizou-se em Nice a inauguração da nova sede do Patronato São Pedro. Dom Bosco fez um discurso ou uma exposição, que pouco depois completou ao retornar à Itália. À relação da festa e ao texto do discurso acrescentou um “resumo” do que se refere ao “sistema de educação usado por nós, dito preventivo”. O texto custou a Dom Bosco “vários dias de trabalho. Escreveu-o e reescreveu três vezes e depois ainda se queixava de que seus escritos não lhe pareciam mais ser de seu gosto”⁸.

No outono de 1877, a tipografia salesiana de Sampierdarena editou um livreto que recolhia o material referente a Nice, “com um apêndice sobre o Sistema Preventivo na educação da juventude”. A partir daquele momento, multiplicaram-se as traduções, reimpressões e as edições. Um trabalho de “circunstância” se converteu, portanto, pela força dos acontecimentos, num texto pedagógico de interesse geral.

Até agora não foram encontrados traços autógrafos da redação originária do fascículo sobre o Sistema Preventivo na educação da juventude. “Todavia, não pode haver nenhuma dúvida acerca da paternidade ‘dombosquiana’ do texto: para além do testemunho explícito do padre Barberis, é mais do que suficiente uma cuidadosa análise lexical e estilística do texto, comparado com textos paralelos da autoria de Dom Bosco”⁹.

⁶ As páginas da primeira versão do texto foram publicadas em edição bilingue, italiana e francesa, num opúsculo intitulado: *Inaugurazione del Patronato di S. Pietro in Nizza a Mare. Scopo del medesimo esposto dal sacerdote Giovanni Bosco con appendice sul sistema preventivo nella educazione della gioventù*. Turim, tip. e libr. salesiana 1877; cf. Giovanni BOSCO (s.), *Il Sistema Preventivo nella educazione della gioventù*. Introdução e textos críticos de P. Braidó. Roma, LAS 1985.

⁷ Cf. M. FISSORE, *Il Vademecum di don Giulio Barberis...*, p. 11; Eugenio CERIA, *Profili di capitolari salesiani morti dall'anno 1865 al 1959...* Colle Don Bosco (Asti), Libreria Dottrina Cristiana 1951, pp. 305-324.

⁸ Cronachetta, 12, p. XI; cf. DBE, Scritti, pp. 209-210.

⁹ DBE, Scritti, p. 210.

Ele, porém, não se propôs elaborar um tratado pedagógico sistemático, nem um ensaio original sobre educação. Considera seu escrito “como o índice” de uma obra que pensa publicar. Depois acrescenta que “dois são os sistemas usados ao longo dos tempos na educação da juventude: Preventivo e Repressivo”, e se declara, sem nenhuma hesitação, seguidor do primeiro: o “Sistema Preventivo” que “se costuma usar” nas casas salesianas e que – ele sublinha – “se apoia todo na razão, na religião e na bondade”.

A obra que Dom Bosco pensava levar a termo ficou num simples projeto, mas o fascículo pedagógico de 1877 é mais do que um simples “índice”. De fato, nele se refletem ideias e orientações do contexto cultural pedagógico do tempo, assimiladas e repropostas de forma característica e original, inseridas na genuína tradição cristão-católica.

“Ao lado do valor do Sistema Preventivo como formulação de doutrinas pedagógicas, deve-se também lembrar o que foi usado na história da praxe educativa. O Sistema Preventivo, de fato, incorporado no Regulamento da Sociedade Salesiana, se torna o documento-base para a formação pedagógica das jovens gerações, é comentado e desenvolvido, ainda durante a vida de Dom Bosco, em apontamentos de “pedagogia sagrada” pelo padre Barberis, em breves textos e discursos pelo padre Francisco Cerruti, em diversos escritos pedagógicos pelo padre Domingos Giordano”¹⁰.

Após atenta pesquisa, Pietro Braido chega a esta conclusão no âmbito da “pequena história” do Sistema Preventivo: “A sua primeira formulação literária explícita é devida a Dom Bosco, que aplicou e propôs uma forma suficientemente reconhecível entre outros modelos de “pedagogia”. Não se trata de um sistema perfeitamente completo e fechado; mas é uma proposta aberta a integrações e desenvolvimentos, teóricos e históricos, que o enriquecem sem desfigurar suas linhas essenciais originárias”¹¹.

Em 1878, Dom Bosco enviou ao ministro do Interior Francisco Crispi¹² um texto que retomava o título já utilizado – O Sistema Preventivo na educação da

¹⁰ P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica...*, II, p. 462. O estudioso salesiano acena em seguida a alguns “limites” do texto.

¹¹ P. BRAIDO, *Breve storia del “sistema preventivo”...*, p. 5. Um dos primeiros colaboradores e estudiosos de Dom Bosco escreveu em 1910: “Todos vós conheceis, estou certo disso, as poucas, mas densas páginas do nosso bom Pai, que fez seu este sistema, intuído e ensinado pelos maiores pedagogistas, colocou em bela e suave luz, iluminou com as palavras e com o exemplo e embelezou com aquela graça que deriva do Evangelho” (FRANCESCO CERRUTI, *Educazione ed istruzione. Sistema preventivo. Ispersioni scolastiche e civili*. Turim, Tip. S.A.I.D. “Buona Stampa” 1910, pp. 7-8).

¹² Francisco Crispi (1818-1901), expoente da esquerda histórica italiana; presidente do Conselho de ministros do reino da Itália (1887-1891 e 1893-1896).

juventude —. *Pondo em relevo as características dos conteúdos, o escrito foi publicado também sob o título: O Sistema Preventivo aplicado entre os jovens em situação de risco (1878)*¹³.

O segundo documento enviado a Crispi estava acompanhado por uma carta na qual o próprio Dom Bosco indicava alguns prédios romanos, considerados adequados para a fundação de um albergue ou internato, no qual se haveria de aplicar o Sistema Preventivo entre os jovens em situação de risco.

Diversos parágrafos das duas “versões do Sistema Preventivo” coincidem quase literalmente; mas as diferenças entre elas são também relevantes, quer pelo enquadramento geral, quer pelos conteúdos. No fascículo de 1877 prevalece a preocupação pedagógica; ao passo que o sintético pró-memória de 1878 tem certo caráter “sociopolítico”, acentuando o fenômeno das transformações sociais que tornam mais agudo e ameaçador o problema dos “jovens abandonados”.

Uma das frequentes crises ministeriais interrompeu as práticas iniciadas. Dom Bosco apresentou seu “projeto” ao novo ministro do Interior José Zanardelli¹⁴; mas, pelo que se sabe da documentação disponível, sem êxito. Todavia, não é sem interesse o projeto do fundador da Congregação Salesiana de tornar presente seu método educativo nos ambientes leigos, entre rapazes pobres e “em situação de risco”.

151. O Sistema Preventivo na educação da juventude*

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 248-257 (OE XXVIII, 422-443).

Fui instado várias vezes a expressar, verbalmente ou por escrito, o meu pensamento sobre o chamado Sistema Preventivo, que se costuma praticar em nossas casas. Por falta de tempo, não pude ainda satisfazer esse desejo, mas agora julgo oportuno expor aqui um rápido esboço. Isso será como o índice de um opúsculo que estou elaborando, se Deus me der vida para levá-lo a termo. Move-me a isso apenas a vontade de colaborar na difícil arte da educação juvenil. Direi, portanto, em que consiste o Sistema Preventivo, e por que se deve preferir; sua aplicação prática e vantagens.

¹³ Cf. *DBE, Scritti*, p. 284.

¹⁴ José Zanardelli (1826-1903), jurista e homem político, presidente do Conselho de 1901 a 1903, filiado à Loja Propaganda Maçônica. Em 1878 esteve por alguns meses à frente do ministério do Interior.

* A tradução que apresentamos aqui, com pouquíssimos retoques, é a que consta do texto das Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales traduzidas para o português.

I. Em que consiste o Sistema Preventivo e por que se deve preferir

São dois os sistemas até hoje usados na educação da juventude: o Preventivo e o Repressivo. O Sistema Repressivo consiste em fazer que os súditos conheçam a lei, e depois vigiar para conhecer os seus transgressores e, quando necessário, aplicar-lhes o merecido castigo. Nesse sistema, as palavras e o semblante do superior devem constantemente ser severos e até ameaçadores, e ele próprio deve evitar toda a familiaridade com os dependentes.

O diretor, para dar mais prestígio à sua autoridade, raramente deverá achar-se entre os dependentes e quase unicamente quando se trata de ameaçar ou punir. Esse sistema é fácil, menos trabalhoso. Serve especialmente para soldados e, em geral, para pessoas adultas e sensatas, que devem, por si mesmas, estar em condições de saber e lembrar o que é conforme as leis e outras prescrições.

Diferente e, eu diria, oposto é o Sistema Preventivo. Consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, deem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas.

O Sistema apoia-se todo na razão, na religião e na bondade. Exclui, por isso, todo o castigo violento, e procura evitar até as punições leves. Parece preferível pelas seguintes razões:

I. O aluno, previamente avisado, não fica abatido pelas faltas cometidas, como sucede quando são levadas ao conhecimento do superior. Não se irrita pela correção feita, nem pelo castigo ameaçado ou mesmo infligido, pois a punição contém em si um aviso amigável e preventivo que o leva a refletir e, as mais das vezes, consegue granjear-lhe o coração. Assim o aluno reconhece a necessidade do castigo e quase o deseja.

II. A razão mais essencial é a volubilidade do jovem, que num instante esquece as regras disciplinares e o castigo que ameaçam. Por isso é que, amiúde, se torna um jovem culpado e merecedor de uma pena em que nunca pensou, e de que absolutamente não se lembrava no momento da falta cometida, e que teria por certo evitado, se uma voz amiga o tivesse advertido.

III. O Sistema Repressivo pode impedir uma desordem, mas dificilmente melhorará os culpados. Diz a experiência que os jovens não esquecem os castigos recebidos, e geralmente conservam ressentimento acompanhado do desejo de sacudir o jugo e até de tirar vingança. Podem, às vezes, parecer

indiferentes; mas quem lhes segue os passos sabe quão terríveis são as reminiscências da juventude. Esquecem facilmente os castigos que recebem dos pais; muito dificilmente, porém, os dos educadores. Há casos de alguns que na velhice se vingaram com brutalidade de castigos justos que receberam nos anos de sua educação. O Sistema Preventivo, pelo contrário, granjeia a amizade do jovem, que vê no assistente um benfeitor que o adverte, quer fazê-lo bom, livrá-lo de dissabores, castigos e desonra.

IV. O Sistema Preventivo predispõe e persuade de tal maneira o aluno, que o educador poderá em qualquer momento falar-lhe com a linguagem do coração, quer no tempo da educação, quer depois. Conquistado o ânimo do discípulo, o educador poderá exercer sobre ele grande influência, avisá-lo, aconselhá-lo, e também corrigi-lo, mesmo quando já colocado em qualquer trabalho ou emprego público, ou no comércio. Por essas e muitas outras razões, parece que o Sistema Preventivo deve preferir-se ao Repressivo.

II. Aplicação do Sistema Preventivo

A prática desse sistema baseia-se toda nas palavras de S. Paulo: “*Charitas benigna est, patiens est; omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet*”. A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo. Por isso, somente o cristão pode aplicar com êxito o Sistema Preventivo. Razão e religião são os instrumentos de que o educador se deve servir; deve inculcá-los, praticá-los ele mesmo, se quiser ser obedecido e alcançar os resultados que deseja.

I. Deve, pois, o diretor consagrar-se totalmente aos seus educandos: jamais assuma compromissos que o afastem das suas funções. Pelo contrário, permaneça sempre com seus alunos, todas as vezes que não estiverem regularmente ocupados, salvo estejam por outros devidamente assistidos.

II. A moralidade dos professores, mestres de oficina, assistentes, deve ser notória. Esforcem-se por evitar, como epidemia, toda a sorte de afeições ou amizades sensíveis com os alunos, e lembrem-se de que o descaminho de um só pode comprometer um instituto educativo. Veja-se que os alunos não fiquem jamais sozinhos. Porquanto possível, os assistentes sejam os primeiros em achar-se no lugar onde os alunos se devem reunir; entretenham-se com eles enquanto não vier um substituto; nunca os deixem desocupados.

III. Dê-se ampla liberdade de correr, pular e gritar, à vontade. Os exercícios de ginástica e de esporte, a música, a declamação, o teatro, os passeios, são meios efficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e con-

servar a saúde. Mas haja cuidado em que a matéria das diversões, as pessoas que tomam parte, as falas, não sejam repreensíveis. “Fazei quanto quiserdes”, dizia o grande amigo da juventude, São Filipe Néri, “a mim me basta que não cometais pecados”.

IV. A confissão e a comunhão frequentes e a missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edifício educativo, do qual se queira eliminar a ameaça e o castigo. Nunca se obriguem os jovens a frequentar os santos sacramentos: basta encorajá-los e dar-lhes comodidade de se aproveitarem deles. Nos exercícios espirituais, tríduos, novenas, pregações, catecismos, ponha-se em relevo a beleza, a sublimidade, a santidade da religião, que oferece meios tão fáceis, tão úteis à sociedade civil, à paz do coração, à salvação da alma, como são precisamente os santos sacramentos. Dessa maneira, estimulam-se os meninos a querer, espontaneamente, essas práticas de piedade; haverão de cumpri-las de boa vontade, com prazer e fruto (1).

V. Use-se a máxima vigilância para impedir que entrem no instituto companheiros, livros ou pessoas que tenham más conversas. A escolha de um bom porteiro é um tesouro para uma casa de educação.

VI. Todas as noites, após as orações de costume e antes que os alunos se recolham, o diretor, ou quem por ele, dirija em público algumas palavras afetuosas, dando algum aviso ou conselho sobre o que convém fazer ou evitar. Tire-se a lição moral de acontecimentos do dia, sucedidos em casa ou fora; mas a sua alocução não deve passar de dois ou três minutos. Essa é a chave da moralidade, do bom andamento e do bom êxito da educação.

VII. Afaste-se como a peste a opinião dos que pretendem adiar a primeira comunhão para uma idade demasiado adiantada, quando em geral o demônio já se apossou do coração dos meninos, com incalculável dano da sua inocência. Conforme a disciplina da Igreja primitiva, costumava-se dar às crianças as hóstias consagradas que sobravam da comunhão pascal. Isso demonstra quanto a Igreja preza que os meninos sejam admitidos mais cedo à santa comunhão. Quando uma criança pode distinguir entre Pão e pão, e revela instrução suficiente, já não se olhe para a idade, e venha o soberano celeste reinar nessa alma abençoada.

VIII. Os catecismos recomendam a comunhão frequente: São Filipe Neri aconselhava-a cada oito dias e ainda mais amiúde. O Concílio Tridentino diz claramente que deseja sumamente que todos os fiéis, quando ouvem a santa missa, façam também a comunhão. Porém, a comunhão seja não somente espiritual, mas também sacramental, a fim de que se tire maior fruto desse augusto e divino sacrifício (Concílio Tridentino, Sess. XXII, capítulo VI).

III. Utilidade do Sistema Preventivo

Dir-se-á que esse sistema é difícil na prática. Observo que da parte dos alunos torna-se bastante mais fácil, agradável e vantajoso. Para o educador, encerra alguma dificuldade que, porém, diminuirá se ele se entregar com zelo à sua missão. O educador é uma pessoa consagrada ao bem de seus alunos: por isso, deve estar pronto a enfrentar qualquer incômodo e cansaço para conseguir o fim que tem em vista: a formação civil, moral e científica dos seus alunos.

Além das vantagens acima expostas, acrescenta-se ainda o seguinte:

I. O aluno conservará sempre grande respeito para com o educador e lembrará com saudades a educação recebida, e considerará ainda os seus mestres e demais superiores como pais e irmãos. Esses alunos, nos lugares para onde forem, serão, as mais das vezes, o consolo da família, cidadãos prestimosos e bons cristãos.

II. Qualquer que seja o caráter, a índole, o estado moral do aluno ao ser admitido, os pais podem estar seguros de que seu filho não vai piorar, e considera-se como certo que se alcançará sempre alguma melhora. Antes, houve meninos que depois de terem sido por muito tempo o flagelo dos pais, e, até, rejeitados pelas casas de correção, educados segundo esses princípios, mudaram de índole e caráter, deram-se a uma vida morigerada, e presentemente ocupam posição distinta na sociedade, tornando-se, desse modo, o amparo da família e honra do lugar em que moram.

III. Os alunos que por acaso entrarem num instituto com maus hábitos, não poderão prejudicar os seus companheiros. Nem os meninos bons serão contaminados por eles, porque não haveria tempo, nem lugar, nem ocasião, pois o assistente, que supomos presente, logo acudiria.

IV. Uma palavra sobre os castigos¹⁵

Que norma seguir sobre os castigos? – Por quanto possível, jamais se faça uso de castigos. Quando, porém, a necessidade o exigir, observe-se quanto segue:

¹⁵ Não foi incluída na coletânea a circular dita *Dos castigos a serem infligidos nas casas salesianas* (ASC A1750401), manuscrito do padre João Batista Francesia datado de 1883 e publicado pela primeira vez em 1935 (cf. MB XVI, 440-449) pelo padre Eugênio Ceria. Nesse texto, erroneamente atribuído a Dom Bosco e à transcrição do padre Rua, se encontra a famosa frase: “a educação é coisa do coração”. Cf. José Manuel PRELLEZO, *“Dei castighi” (1883): puntualizzazioni sull'autore e sulle fonti redazionali dello scritto*, em RSS 27 (2008) 287-307.

I. O educador entre os alunos procure fazer-se amar se quer fazer-se respeitar. Nesse caso, subtrair a benevolência já é um castigo que desperta emulação, infunde coragem sem deprimir.

II. Entre os meninos é castigo o que se dá como castigo. Observou-se que um olhar não amável produz, para alguns, maior efeito do que uma bofetada. O elogio quando uma ação é bem feita, a repreensão quando há desleixo, é já um prêmio ou castigo.

III. Salvo raríssimos casos, as correções, os castigos, nunca se deem em público, mas em particular, longe dos companheiros, e empregue-se a máxima prudência e paciência para que o aluno compreenda a sua falta, à luz da razão e da religião.

IV. Bater, de qualquer modo que seja, pôr de joelhos em posição dolorosa, puxar as orelhas e outros castigos semelhantes, devem ser absolutamente banidos, porque são proibidos pelas leis civis, irritam muito os jovens e desmoralizam o educador.

V. O diretor dê a conhecer bem as regras, os prêmios e os castigos sancionados pelas leis disciplinares, a fim de que o aluno não possa se desculpar dizendo: “Eu não sabia que isso era mandado ou proibido”.

Se em nossas casas se puser em prática este sistema, creio poderemos alcançar grande resultado, sem recorrermos a pancadarias, nem a outros castigos violentos. Há quarenta anos, mais ou menos, que trato com a juventude, não me lembro ter usado castigo de espécie alguma. Com o auxílio de Deus, não só obtive sempre o que era de dever, mas ainda o que eu simplesmente desejava, e isso daqueles mesmos meninos dos quais se havia perdido a esperança de bom resultado ⁽¹⁾.

(1) Não faz muito tempo que um ministro da rainha da Inglaterra, ao visitar um instituto de Turim, foi levado a uma sala espaçosa onde estudavam cerca de quinhentos jovens. Ficou muito admirado ao ver essa multidão de meninos em perfeito silêncio e sem assistentes. Sua admiração aumentou ainda mais quando soube que talvez em todo o ano não se tinha a lamentar uma palavra de desordem, um motivo para infligir ou ameaçar um castigo. – Como é possível obter tanto silêncio e tanta disciplina? Pergunta: e vós, disse ao secretário, anotai o que ele vos disser. – Senhor, respondeu o diretor do estabelecimento, o meio que se usa entre nós não pode ser usado entre vós. – Por quê? – Porque são segredos revelados somente aos católicos. – Quais? – A confissão frequente, a comunhão e a missa diária bem participada. – Tendes razão, nós não temos esses meios poderosos de educação. Não podem ser

supridos com outros meios? – Se não se usarem esses elementos da religião, será preciso recorrer às ameaças e ao bastão. – Tendes razão! Tendes razão! Ou religião, ou bastão: quero contá-lo em Londres.

152. O Sistema Preventivo na educação da juventude [“em situação de risco”]

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 291-294 (“Minuta autógrafo de Dom Bosco de um pró-memória para o ministro Francisco Crispi”).

Dois são os sistemas usados na educação moral e civil da juventude: repressivo e preventivo. Um e outro são aplicáveis na sociedade civil e nas casas de educação. Aqui apresentaremos de forma geral o Sistema Preventivo enquanto pode ser usado na sociedade civil: em seguida, diremos como pode ser aplicado com sucesso nos reformatórios, colégios, albergues e nos próprios educandários.

Sistema Preventivo e Repressivo em meio à sociedade

O Sistema Repressivo consiste em fazer conhecer as leis e as penas que elas estabelecem; em seguida, a autoridade deve vigiar para conhecer e punir os culpados. Este sistema é usado no exército e em geral entre os adultos. Quanto aos jovens, faltos de instrução, reflexão e levados pelos companheiros ou pela irreflexão, frequentemente se deixam arrastar cegamente para a desordem pelo único motivo de serem abandonados.

Enquanto as leis vigiam sobre os culpados, certamente é preciso usar de grande solicitude para diminuir seu número.

Que jovens devem ser considerados em perigo

Eu creio que podem ser considerados, não maus, mas em perigo de se tornarem tais, os que:

1º Das cidades ou das diversas localidades do Estado vão para outras cidades e povoados em busca de trabalho. Em geral, eles levam um pouco de dinheiro, que também gastam em pouco tempo. Se depois não encontram

trabalho, correm realmente perigo de entregar-se à ladroagem e começar o caminho que os leva para a ruína.

2° Aqueles que, órfãos de pais, não têm quem os assista e por isso ficam abandonados, entregues à vadiagem e às más companhias, ao passo que uma mão amiga, uma voz caridosa, poderia encaminhá-los pela estrada da honra e do cidadão honesto.

3° Aqueles que têm pais que não podem ou não querem tomar conta dos próprios filhos; por isso, os expulsam da família ou absolutamente os abandonam. Desses pais desnaturados, infelizmente, grande é seu número.

4° Os vagabundos que caem nas mãos da segurança pública, mas que ainda não são maus. Estes, se forem acolhidos num albergue onde puderem ser instruídos, encaminhados ao trabalho, certamente seriam tirados das prisões e restituídos à sociedade civil.

Soluções

A experiência mostrou que é possível socorrer com eficácia estas quatro categorias de meninos:

1° Com encontros para divertimento nos dias festivos. Mediante uma recreação amena, a música, a ginástica, a corrida, os saltos, a declamação, o teatrinho, é fácil reuni-los. Com as aulas noturnas, dominicais e o catecismo se proporciona alimento moral apropriado e indispensável para esses pobres filhos do povo.

2° Nessas reuniões, elaborar um levantamento para saber quais são os que não têm um patrão, e procurar que sejam ocupados e assistidos no trabalho durante a semana.

3° Há também os que são pobres e abandonados, não têm o que vestir e comer, e onde dormir à noite. A esses não se pode ajudar de outra forma senão mediante internatos e casas de preservação, artes, ofícios e também colônias agrícolas.

Participação governamental

O governo, sem assumir uma específica administração, sem tocar no princípio da caridade legal, pode cooperar das seguintes formas:

1º Providenciar ambientes para divertimento nos dias festivos; ajudar a dotar as escolas e os ambientes de divertimento com os móveis necessários.

2º Providenciar locais para internatos, provisioná-los com os meios necessários para as artes e os ofícios a que se aplicariam os meninos a serem ali recolhidos.

3º O governo deixaria livre a aceitação dos jovens, mas daria uma diária ou um subsídio mensal para aqueles que se encontram nas situações acima descritas e que forem internados. Isto se deveria fazer constar por meio de certificados da autoridade civil, ou de boletins de ocorrência da polícia, que com muita frequência encontra jovens que vivem nessa condição.

4º Esse subsídio diário se limitaria a um terço do que custa um jovem nos reformatórios do Estado. Tomando como base os cárceres correccionais da Generala de Turim, e reduzindo a despesa total para cada indivíduo, pode-se calcular a despesa diária em torno de 80 centavos.

Deste modo, o governo ajudaria, mas deixaria livre a participação da caridade particular dos cidadãos.

Resultados

Com base na experiência de trinta e cinco anos, pode-se constatar que:

1º Muitos jovens que saíram das prisões, facilmente se encaminham para um trabalho com que ganhar honestamente o próprio pão.

2º Muitos que corriam grande perigo de se tornarem maus, começavam a criar problemas aos cidadãos honestos e já provocavam graves perturbações para as autoridades públicas, afastaram-se do perigo e puseram-se no bom caminho do honesto cidadão.

3º Consta pelos registros que, não menos de cem mil jovens assistidos, recolhidos, educados com este sistema, alguns aprenderam a música, outros a ciência literária, a arte ou um ofício, e se tornaram trabalhadores conscienciosos, gerentes ou donos de casas comerciais, professores, empregados laboriosos, e não poucos ocupam graus honoríficos no exército. Muitos também, dotados pela natureza de grande engenho, puderam fazer os cursos universitários e se laurearam em letras, matemática, medicina, leis, tornaram-se engenheiros, tabeliães, farmacêuticos e semelhantes.

III. EXORTAÇÕES PARA PRATICAR O SISTEMA PREVENTIVO (1884-1885)

Nas páginas do fascículo pedagógico de 1877, Dom Bosco põe em relevo as vantagens do Sistema Preventivo e outros motivos pelos quais deveria ser preferido; mas, ao mesmo tempo, reconhece que a “aplicação prática” do método de educação proposto por ele, comporta, para os educadores, “algumas dificuldades”.

As dificuldades não haveriam de faltar nem mesmo em Valdocco, especialmente no âmbito disciplinar. Na primeira parte da década de 1880 foi sentida diversas vezes a necessidade de enfrentar o delicado tema dos “castigos”. No dia 9 de março de 1883, na “conferência geral” ou reunião de todo o pessoal envolvido no trabalho entre os jovens, foi posto na ordem do dia o assunto considerado “importante”: “Encontrar o motivo pelo qual os jovens mais nos temem do que amam”. Os responsáveis pela casa advertem que o fato é contrário ao espírito salesiano ou “pelo menos ao espírito de Dom Bosco”¹⁶.

Poucos meses depois – 14 de julho de 1884 – na reunião do Capítulo Superior (hoje Conselho-Geral) da Congregação Salesiana, o próprio Dom Bosco alude à questão da “reforma da casa do Oratório” e sublinha a esse respeito a importância de observar pontualmente o “regulamento que se praticava nos tempos antigos”¹⁷.

Neste sentido, há pontos de correspondência com o conteúdo do primeiro texto que vamos apresentar aqui em seguida: a célebre carta de Roma de 1884 (dirigida à comunidade salesiana de Turim-Valdocco), na qual se narra um “sonho” de Dom Bosco – exposto ao seu secretário, padre João Batista Lemoyne – sonho que se referia à situação do Oratório de São Francisco de Sales em dois momentos do seu desenvolvimento: antes de 1870 (aspectos positivos) e na atualidade de 1884 (aspectos problemáticos). Existe também uma redação mais breve, dirigida aos estudantes de Valdocco¹⁸.

¹⁶ José Manuel PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento tra reale e ideale (1866-1889). Documenti e testimonianze*. Roma, LAS 1992, pp. 257-258.

¹⁷ *Ibid.*, p. 275. Considerações análogas levaram Dom Bosco a interromper as práticas iniciadas para confiar-lhe em 1885 um “Reformatório” em Madri. No dia 17 de março de 1886 escreveu ao senador espanhol Manuel Silvela: “Apesar de toda a vontade de fazer o bem, nós não podemos nos distanciar da prática do que estabelece o nosso Regulamento, do qual lhe enviei cópia em setembro próximo passado. Viável para nós seria um instituto do tipo dos *Talleres Salesianos* de Barcelona-Sarriá; não, porém, uma escola de reforma do tipo da Santa Rita” (E IV, pp. 353-354).

¹⁸ Cf. Pietro BRAIDO, *Due lettere datate da Roma 10 maggio 1884*, em *DBE, Scritti*, pp. 344-390; José Manuel PRELLEZO, *La(s) Carta(s) de Roma (1884)*, em “Cuadernos de Formación Permanente” 17 (2011) 179-202.

“Dessa carta [datada em 10 de maio de 1884] não se conhece a minuta autógrafa de Dom Bosco, mas somente o original (em duas redações), escrito pelo padre Lemoyne e assinado por Dom Bosco. Apesar disso, pelo seu conteúdo, deve ser considerado como um dos mais eficazes e ricos documentos pedagógicos de Dom Bosco”¹⁹.

Numa circunstância análoga à acenada nos parágrafos precedentes, foram escritas diversas cartas por Dom Bosco em 1885. Da América Latina tinham chegado informações pouco satisfatórias quanto aos métodos educativos seguidos em algumas casas da Argentina, em contraste com a familiaridade e a bondade própria do sistema educativo salesiano. Informado da situação, Dom Bosco intervém pessoalmente e com muita franqueza escreve: “O Sistema Preventivo seja verdadeiramente nosso”.

Além do texto da redação mais extensa da carta de 10 de maio de 1884, apresentamos aqui a seguir três escritos dirigidos, em 1885, a autorizados missionários salesianos: João Cagliero, Tiago Costamagna e padre Domingos Tomatis²⁰. Dom Bosco, neles, faz paternas e vivas exortações a pôr em prática a pedagogia da caridade, da paciência e da doçura. Em outras palavras: a assumir os principais traços do “espírito salesiano” que ele se propôs “introduzir nas casas da América”. O empenho do fundador da Congregação Salesiana não resultou inútil.

¹⁹ P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica...*, II, p. 469. Nas páginas anteriores, acenando ao tema dos “sonhos”, Stella escreve: “Entre todos, aquele enviado de Roma ao Oratório, pode ser considerado como a mais eficaz exegese da assistência amorosa e preventiva” (*Ibid.*, p. 467); cf. também Pietro BRAIDO, *La lettera di don Bosco da Roma del 10 maggio 1884*. Roma, LAS 1984, p. 8.

²⁰ Destinatários das cartas de Dom Bosco, referidas aqui, são: dom João Cagliero (1838-1926), futuro primeiro cardeal salesiano (1915). Tiago Costamagna (1846-1921), futuro bispo (1894), Viágio Apostólico de Méndez y Gualaquiza (Equador). José Vespignani (1854-1932) se tornou salesiano depois da ordenação sacerdotal (1876); em 1877 é enviado como missionário para a Argentina; no CG de 1922 é eleito conselheiro profissional-geral. Domingos Tomatis (1849-1912), diretor por vários anos do colégio de San Nicolás de los Arroyos (Argentina). Outros missionários salesianos italianos mencionados: padre José Beauvoir (1850-1930), padre Domingos Milanese (1843-1922), monsenhor José Fagnano (1844-1916).

153. Carta de Roma para a comunidade salesiana do Oratório de Turim-Valdocco

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 377-390.

Roma, 10 de maio de 1884

Meus caríssimos filhos em Jesus Cristo

Perto ou longe, eu penso sempre em vós. Meu único desejo é ver-vos felizes no tempo e na eternidade. Esse pensamento e esse desejo é que me levaram a escrever-vos esta carta. Sinto, meus caros, o peso do afastamento, e o fato de não vos ver nem ouvir me aflige como não podeis imaginar. Desejaria, por isso, escrever-vos estas linhas há uma semana, mas as contínuas ocupações me impediram. Todavia, embora falem poucos dias para minha volta, quero antecipar minha chegada ao menos por carta, já que não posso fazê-lo pessoalmente. São palavras de quem vos ama carinhosamente em Jesus Cristo e tem obrigação de falar-vos com a liberdade de um pai. Haveis de permiti-lo, não é verdade? E me prestareis atenção e poreis em prática o que vou dizer-vos.

Afirmei que vós sois o único e contínuo pensamento de minha mente. Ora, numa das noites passadas, havia-me recolhido ao quarto e enquanto me dispunha a repousar tinha começado a rezar as orações que minha boa mãe me ensinou. Nesse momento, não sei bem se dominado pelo sono ou fora de mim por uma distração, pareceu-me ver dois dos antigos jovens do Oratório virem ao meu encontro.

Um deles aproximou-se e saudando-me afetuosamente me disse:

– Dom Bosco, não me conhece?

– Se te conheço! Respondi.

– E lembra-se ainda de mim? — acrescentou o homem.

– De ti e de todos os outros. Tu és Valfrè e estavas no Oratório antes de 1870.

– Diga – continuou Valfrè –, quer ver os jovens que estavam no Oratório no meu tempo?

– Sim, mostra-me – respondi –, isso vai me dar grande prazer.

Então Valfrè mostrou-me todos os jovens, com o mesmo semblante, estatura e idade daquele tempo. Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, movimento, alegria. Alguns corriam,

outros pulavam, outros faziam pular. Num lugar se brincava de rã, de barra, ou com bola. Noutra, uma roda de jovens pendia dos lábios de um padre, que lhes contava uma história. Noutra ainda, um clérigo no meio de um grupo de meninos brincava de burro voa e de jerônimo. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda parte havia padres e clérigos, e ao redor deles jovens brincando e gritando alegremente. Via-se que entre jovens e superiores reinava a maior cordialidade e confiança. Eu estava encantado com o espetáculo. Valfrè me disse então:

– Veja, a familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isso é que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres, assistentes e superiores. Tornam-se sinceros na confissão e fora da confissão, e se prestam docilmente a tudo o que porventura lhes mandar aquele de quem têm certeza de serem amados.

Nesse instante aproximou-se de mim o outro ex-aluno, de barba toda branca, e me disse:

– Dom Bosco, quer conhecer e ver agora os jovens que atualmente estão no Oratório? (Era José Buzzetti).

– Sim, respondi; porque há já um mês que não os vejo!

E mostrou-os para mim: vi o Oratório e todos vós no recreio. Mas já não ouvia gritos de alegria e cantos, não via o movimento e a vida da cena anterior.

Nos modos e nos rostos de muitos jovens lia-se enfado, cansaço, mau humor, desconfiança que me faziam sofrer o coração. Vi, é verdade, muitos correndo, brincando, agitando-se com feliz despreocupação, mas muitos estavam sós, encostados às colunas, dominados por pensamentos desalentadores; outros se espalhavam pelas escadas e nos corredores ou na sacada perto do jardim para fugir do recreio comum; outros ainda passeavam lentamente em grupos, falando em voz baixa, lançando ao derredor olhares desconfiados e maliciosos. Sorriam de vez em quando, mas com um sorriso acompanhado de olhares que faziam suspeitar e até mesmo acreditar que São Luís haveria de corar se andasse em sua companhia; mesmo entre os que brincavam, alguns havia tão enfadados que mostravam claramente não achar nenhum gosto nos divertimentos.

– Viu seus jovens? – perguntou-me o ex-aluno.

– Vejo-os –, respondi suspirando.

– Como são diferentes do que éramos nós em nosso tempo! – exclamou o ex-aluno.

– É pena! Quanta falta de vontade nesse recreio!

– De aí é que vem a frieza de tantos meninos na frequência dos santos sacramentos, o desleixo das práticas de piedade na igreja e fora; o estar de má vontade num lugar onde a divina Providência os cumula de todos os bens para o corpo, para a alma, para a inteligência. De aí vem muitos não corresponderem à sua vocação, a ingratidão para com os superiores, os segredinhos e as murmurações, com todas as demais consequências deploráveis.

– Compreendo, entendo – respondi –. Mas como reanimar estes meus caros jovens, para que retomem a antiga vivacidade, alegria, expansão?

– Com o amor!

– Com o amor? Mas os meus jovens não são bastante amados? Sabes quanto eu os amo. Sabes quanto por eles sofri e tolerei no decorrer de bem quarenta anos, e quanto suporte e sofro mesmo agora. Quantas privações, quantas humilhações, quantas oposições, quantas perseguições, para dar-lhes pão, casa, professores e especialmente para garantir-lhes a salvação da alma. Fiz tudo quanto soube e pude por eles, que são o amor de toda a minha vida.

– Não falo do senhor!

– De quem então? Dos que me fazem as vezes? Dos diretores, prefeitos, professores, assistentes? Não vêes como são mártires do estudo e do trabalho? Como consomem sua juventude por aqueles que a divina Providência lhes confiou?

– Vejo, sei perfeitamente; mas isso não basta. Falta o melhor.

– Que é que falta, então?

– Que os jovens não somente sejam amados, mas que eles próprios saibam que são amados.

– Mas, afinal, não têm olhos? Não têm a luz da inteligência? Não veem que tudo o que por eles se faz é por amor deles?

– Não, repito, isso não basta.

– Que é preciso, então?

– Que sendo amados nas coisas que lhes agradam, ao participar de seus gostos infantis, aprendam a ver o amor nas coisas que naturalmente pouco lhes agradam, como a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos; e aprendam a fazer essas coisas com entusiasmo e amor.

– Explica-te melhor.

– Observe os jovens no recreio.

Observei e respondi:

– E que há de especial para ver?

– Há já tantos anos que vive a educar os jovens e não entende? Olhe melhor! Onde estão os nossos salesianos?

Observei e vi que bem poucos padres e clérigos se misturavam com os jovens e bem menos ainda eram os que tomavam parte em seus divertimentos. Os superiores já não eram a alma do recreio. A maior parte deles passava conversando entre si, sem ligar ao que faziam os alunos; outros olhavam o recreio sem se preocupar absolutamente com os jovens; outros vigiavam, mas de tão longe que não poderiam perceber se os jovens cometiam alguma falta; um ou outro avisava, mas em atitude ameaçadora e bem raramente. Ainda havia algum salesiano que gostaria de intrometer-se no meio dos jovens; vi, porém, que estes procuravam propositalmente se afastar dos professores e superiores.

Então meu amigo continuou:

– Nos velhos tempos do Oratório, o senhor não estava sempre no meio dos jovens, especialmente na hora do recreio? Lembra-se daqueles belos anos? Era um santo alvoroço, um tempo que recordamos sempre com saudades, porque o afeto é que nos servia de regra, e nós não tínhamos segredos para o senhor.

– Certamente. Tudo então era alegria para mim. Os jovens corriam ao meu encontro para falar-me; ansiavam por ouvir meus conselhos e pô-los em prática. Vês, porém, que agora as contínuas audiências, os muitos afazeres e minha saúde não o permitem.

– Está bem: mas se o senhor não pode, por que seus salesianos não o imitam? Por que não insiste, não exige que tratem os jovens como o senhor os tratava?

– Eu falo, canso-me de falar, entretanto muitos não se sentem dispostos a enfrentar os trabalhos como outrora.

– E então, descuidando o menos, perdem o mais, e esse “mais” são seus trabalhos. Amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que agrada aos superiores. E assim ser-lhes-á fácil o trabalho. A causa da mudança atual no Oratório é que bom número de jovens não tem confiança nos superiores. Antigamente os corações estavam todos abertos aos superiores, a quem os jovens amavam e obedeciam prontamente. Mas agora os superiores são considerados como superiores e não como pais, irmãos e amigos; são, pois, temidos e pouco amados. Por isso, se se quiser formar um só coração e uma só alma, é preciso que por amor de Jesus se rompa a barreira fatal da desconfiança e ela

seja substituída por uma confiança cordial. Guie, pois, a obediência o aluno como a mãe guia o filhinho; reinará então no Oratório a paz e a antiga alegria.

– Como fazer então para romper a barreira?

– Familiaridade com os jovens, especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve mostrar que ama. Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou as nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade! O professor, visto apenas na cátedra, é professor e nada mais, mas se está no recreio com os jovens, torna-se irmão.

Se alguém é visto somente a pregar do púlpito, dir-se-á que está fazendo apenas o próprio dever; mas se diz uma palavra no recreio, é palavra de alguém que ama. Quantas conversões não provocaram algumas palavras suas ditas ocasionalmente aos ouvidos de um jovem enquanto brincava!

Quem sabe que é amado, ama; e quem é amado, alcança tudo, especialmente dos jovens. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre jovens e superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas necessidades e manifestam seus defeitos. Esse amor faz os superiores suportarem canseiras, aborrecimentos, ingratidões, desordens, faltas e negligências dos meninos. Jesus Cristo não quebrou a cana já partida, nem apagou a mecha que fume-ga. Eis vosso modelo. Então não se verá ninguém mais trabalhar apenas por vanglória; punir somente para satisfazer o amor próprio ofendido, retirar-se do campo da vigilância somente por ciúme de sucesso alheio; murmurar dos outros, querendo ser amado e estimado pelos jovens, com exclusão de todos os demais superiores, ganhando nada mais do que desprezo e falsas manifestações de carinho; deixar-se roubar o coração por uma criatura e, para cortejá-la, descuidar todos os outros meninos; por amor da própria comodidade, julgar sem importância o dever importantíssimo da vigilância; por vão respeito humano deixar de advertir quem deve ser advertido.

Se houver esse verdadeiro amor, não se haverá de procurar senão a glória de Deus e a salvação das almas. Se vier a definhar, então é que as coisas já não vão bem. Por que se quer substituir a frieza de um regulamento à caridade? Por que se afastam os superiores do modo de educar que Dom Bosco ensinou? Por que o sistema de prevenir com a vigilância e amorosamente as desordens vai sendo substituído pouco a pouco pelo sistema, menos pesado e mais cômodo para quem manda, de impor leis que se mantêm com castigos, acendem ódios e geram desgostos, e se não se cuida de fazer com que sejam observadas, geram desprezo aos superiores e causam gravíssimas desordens?

É o que acontece necessariamente se faltar a familiaridade. Se se quiser, pois, que o Oratório volte à antiga felicidade, reponha-se em vigor o antigo sistema: O superior seja tudo para todos, sempre disposto a ouvir qualquer

dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar-lhes paternalmente a conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal dos que a Providência lhe confiou.

Então, já não haverá corações fechados e não se alastrarão mais certos segredinhos que acabam matando. Somente em caso de imoralidade os superiores sejam inexoráveis. É melhor correr o perigo de expulsar de casa um inocente, do que conservar um escandaloso. Os assistentes considerem gravíssimo dever de consciência relatar aos superiores tudo o que souberem ser de algum modo ofensa a Deus.

Então indaguei:

– Qual é o meio mais indicado para que reine essa familiaridade, esse amor e confiança?

– A observância exata das regras da casa.

– E nada mais?

– O melhor prato de um jantar é o bom humor.

Enquanto meu antigo aluno acabava de falar e eu continuava a observar com vivo desprazer o recreio, pouco a pouco senti-me abatido por grande cansa-seira, que ia crescendo cada vez mais. E chegou a tal ponto que não podendo mais resistir, estremei e acordei.

Encontrei-me de pé junto à cama. As pernas estavam tão inchadas e me doíam tanto que não podia ficar de pé. A hora já ia muito adiantada, de modo que me deitei resolvido a escrever estas linhas a meus filhos.

Desejo não ter sonhos assim, porque me cansam demais. No dia seguinte sentia-me todo moído e não via a hora de descansar na noite seguinte. Eis, porém, que, apenas me deitei, o sonho recomeçou. Reaparece o pátio, os jovens que atualmente estão no Oratório e o mesmo aluno do Oratório. Comecei a interrogá-lo:

– Comunicarei aos salesianos o que me disseste; mas que devo dizer aos jovens do Oratório?

Respondeu-me:

– Que reconheçam quanto os superiores, mestres e assistentes trabalham e estudam por amor deles, pois se não fosse pelo bem deles, não se haviam de sujeitar a tantos sacrifícios; que se lembrem de que a humildade é a fonte de toda tranquilidade; que saibam suportar os defeitos dos outros, porque a perfeição não é deste mundo, mas somente do paraíso; que deixem de murmurar, porque as murmurações esfriam os corações; particularmente, que procurem viver na santa graça de Deus. Quem não tem paz com Deus, não tem paz nem consigo nem com os outros.

– Queres dizer então que há entre meus jovens alguns que não estão em paz com Deus?

– Entre as causas do mal-estar que Dom Bosco conhece, que não vou recordar agora e às quais deve pôr remédio, esta é a principal. Com efeito, não desconfia senão quem tem segredos a guardar, senão quem teme que tais segredos venham a ser conhecidos, porque sabe que isso lhes traria vergonha e desgraça. Ao mesmo tempo, se o coração não está em paz com Deus, fica angustiado, inquieto, rebelde à obediência, irrita-se por nada, parece-lhe que tudo vai mal, e por não ter amor, julga que os superiores não o amam.

– Entretanto, meu caro, não vês quanta frequência de confissões e comunhões há no Oratório?

– É verdade que é grande a frequência das confissões, mas o que falta radicalmente em muitos meninos que se confessam é a firmeza nos propósitos. Confessam-se, mas sempre das mesmas faltas, das mesmas ocasiões próximas, dos mesmos maus hábitos, das mesmas desobediências, das mesmas transgressões dos deveres. E vai-se assim para frente meses e meses, e também por vários anos, e alguns chegam assim até o fim do curso secundário. São confissões que pouco ou nada valem; conseqüentemente não trazem a paz. Se o menino fosse chamado nesse estado ao tribunal de Deus, que desgraça não seria.

– E há muitos assim no Oratório?

– Poucos em comparação com o grande número de jovens que se encontram na casa. Veja. E apontava.

Olhei e vi os tais jovens um por um. Nesses poucos, porém, vi coisas que me amarguraram profundamente o coração. Não quero pô-las no papel, mas quando voltar quero contar a cada um dos interessados. Aqui apenas vos direi que é tempo de rezar e de tomar firmes resoluções: tomar propósitos não com palavras, mas com fatos, e demonstrar que os Comollos, os Domingos Savios, os Besuccos e os Saccardis ainda vivem entre nós.

Perguntei por fim ao meu amigo:

– Não tens mais nada a dizer-me?

– Pregue a todos, grandes e pequenos, que se lembrem sempre de Maria Santíssima Auxiliadora. Que ela os reuniu aqui para tirá-los dos perigos do mundo, para que se amem como irmãos, e para que deem glória a Deus e a ela, com o bom procedimento; que é Nossa Senhora que lhes providencia pão e meios para estudar mediante graças e portentos. Lembrem-se de que estão na vigília da festa de sua Mãe Santíssima, e com sua ajuda deve cair a barreira da desconfiança que o demônio soube erguer entre jovens e superiores, e da qual se aproveita para ruína de certas almas.

– E conseguiremos destruir essa barreira?

– Sim, certamente, contanto que grandes e pequenos estejam dispostos a sofrer alguma pequena mortificação por amor de Maria e ponham em prática o que eu disse.

Entrementes, eu continuava a olhar meus juvenzinhos; ante o espetáculo dos que eu via que se encaminhavam para a eterna perdição senti tamanho aperto no coração que acordei. Gostaria de contar-vos muitas coisas importantíssimas que eu vi, mas o tempo e as conveniências não permitem.

Vou concluir. Sabeis o que deseja de vós este pobre velho, que gastou toda a vida por seus caros jovens? Nada mais do que, feitas as devidas proporções, retornem os dias felizes do Oratório primitivo. Os dias do afeto e da confiança cristã entre jovens e superiores; os dias do espírito de condescendência e tolerância por amor de Jesus Cristo de uns para com outros; os dias dos corações abertos com toda a simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos. Tenho necessidade de que me consoleis, dando-me a esperança e a promessa de que fareis tudo o que desejo para o bem de vossas almas. Não conheceis suficientemente que felicidade é a vossa de haverdes sido recebidos no Oratório! Diante de Deus declaro: basta que um jovem entre numa casa salesiana, para que a Virgem Santíssima o tome imediatamente debaixo de sua especial proteção. Ponhamo-nos, pois, todos de acordo. A caridade dos que mandam, a caridade dos que devem obedecer, faça reinar entre nós o espírito de São Francisco de Sales. Ó meus caros filhinhos, aproxima-se o tempo em que me deverei separar de vós e partir para a minha eternidade. (Nota do secretário: Neste ponto Dom Bosco suspendeu o ditado; os olhos se lhe encheram de lágrimas, não por desgosto, mas por inefável ternura que brotava do seu olhar e do tom de sua voz; depois de alguns instantes continuou). Desejo, portanto, deixar-vos a todos, padres, clérigos, jovens caríssimos, no caminho do Senhor, em que ele próprio vos deseja.

Para tal fim, o santo padre, que vi sexta-feira, 9 de maio, vos manda de todo o coração sua bênção.

No dia da festa de Nossa Senhora Auxiliadora estarei convosco ante a imagem de nossa amorosíssima mãe. Quero que essa grande festa se celebre com toda a solenidade, e que o padre Lazzero e o padre Marchisio providenciem para que estejamos todos alegres também no refeitório. A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa eterna que deveremos celebrar um dia, todos juntos, no paraíso.

Vosso afeiçoadíssimo amigo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

154. Carta a dom João Cagliero

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 445-447.

Turim, 6 de agosto de 1885

Meu caro dom Cagliero,

A tua carta causou-me grande prazer, e embora minha vista esteja muito enfraquecida, quis lê-la eu mesmo do começo ao fim, não obstante a caligrafia que dizes ter aprendido de mim, mas que degenerou da forma primitiva. Quanto à parte administrativa, outros responderão por mim. De minha parte direi o que segue.

Quando escreveres à Propagação da Fé, à Obra da Santa Infância, tem em consideração tudo o que em diversos tempos fizeram os salesianos...

Preparo uma carta para o padre Costamagna, e, para tua norma, tratarei de maneira especial do espírito salesiano que queremos introduzir nas casas da América.

Caridade, paciência, doçura, jamais recriminações humilhantes, jamais castigos, fazer o bem a quem se pode, mal a ninguém. Valha isso para os salesianos, para os alunos, e outros, externos ou internos. Quanto às relações com as nossas irmãs, usa de muita paciência, mas de rigor na observância das Regras.

De modo geral, nos nossos apertos faremos todo o sacrifício para ajudar-te; mas recomenda a todos que evitem a construção ou a aquisição de imóveis que não sejam estritamente necessários para nosso uso. Jamais coisas para revender; nem campos nem terrenos, casas para lucrar pecuniariamente.

Procurai ajudar-nos nesse sentido. Fazei quanto puderdes para terdes vocações, tanto para as irmãs quanto para os salesianos, mas não vos empenheis em muitos trabalhos. Quem muito abarca pouco abraça e tudo estraga.

Tendo ocasião de falar como o arcebispo, com dom Espinosa ou personagens semelhantes, dirás que estou inteiramente a serviço deles para assuntos em Roma.

Dirás à minha sobrinha Rosina que tenha muito cuidado com a saúde, que não vá sozinha para o paraíso. Vá, sim, mas acompanhada de muitas almas salvas por ela.

Deus abençoe todos os nossos filhos salesianos, as nossas Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora. Conceda a todos saúde, santidade e a perseverança no caminho do céu.

De manhã e à noite rezaremos por todos vós no altar de Maria; e tu também reza por este pobre semicego que será sempre em Jesus Cristo teu Afeioadíssimo amigo

Sac. João Bosco

P.S. – Uma multidão incontável pede para ser lembrada e manda saudações.

155. Carta ao padre Tiago Costamagna

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 448-450.

Turim, 10 de agosto de 1885

Caro e sempre amado padre Costamagna,

A época dos nossos exercícios espirituais vai-se aproximando e eu, que me vejo numa idade decadente, queria poder ter comigo todos os meus filhos e as nossas irmãs da América. Não sendo possível, pensei em escrever-te uma carta que possa servir a ti e aos outros irmãos nossos como norma para se tornarem verdadeiros salesianos nos vossos exercícios que, aliás, não são lá muito diferentes dos nossos.

Antes de tudo devemos bendizer e agradecer ao Senhor que com a sua sabedoria e poder nos ajudou a superar muitas e graves dificuldades que, sozinho, seríamos verdadeiramente incapazes de superar. *Te-Deum, Ave-Maria* etc.

Ademais, queria fazer eu próprio uma pregação a todos, ou melhor, uma conferência sobre o espírito salesiano que deve animar e guiar as nossas ações e todas as nossas conversas. O Sistema Preventivo seja verdadeiramente nosso; jamais castigos penosos, jamais palavras humilhantes, jamais repreensões em presença de outros. Nas aulas soe a palavra doçura, caridade e paciência. Nunca palavras mordazes. Faça-se uso de castigos persuasivos, e sempre de modo que os que são avisados se tornem amigos nossos, mais do que antes, e não se sintam aviltados ao partirem.

Não se murmure nunca contra as disposições dos superiores, mas tolerem-se as coisas que não são do nosso gosto, penosas ou desagradáveis. O salesiano faça-se amigo de todos, não procure se vingar; seja fácil em perdoar e não lembre as coisas uma vez perdoadas.

Não se critiquem nunca as ordens dos superiores, e cada um se esforce para dar e promover o bom exemplo. Inculque-se em todos e recomende-se constantemente a promoção das vocações religiosas, tanto das irmãs quanto dos salesianos.

A doçura no falar, no agir, no avisar conquista tudo e todos.

Seria essa a recomendação para ti e para os outros que devem tomar parte na próxima pregação dos exercícios.

Dar a todos muita liberdade e muita confiança. Quem quiser escrever ao seu superior ou dele receber alguma carta, que ela não seja absolutamente lida por ninguém, exceto se quem a receber desejar tal coisa. Nos assuntos mais difíceis eu aconselho calorosamente os inspetores e os diretores que façam conferências apropriadas. Antes, recomendo que o padre Vespignani esteja bem informado dessas coisas e as explique aos seus noviços ou candidatos, com a devida prudência.

Por quanto me for possível desejo deixar a Congregação sem complicações. Por isso tenho a intenção de determinar um vigário-geral que seja um *alter ego* para a Europa, e outro para a América. Mas a tal respeito receberás a seu tempo instruções oportunas.

É muito conveniente que reúnas algumas vezes durante o ano os diretores da tua inspetoria para sugerir as normas práticas acima indicadas. Ler e inculcar a leitura e o conhecimento das nossas Regras, especialmente o capítulo que trata das práticas de piedade, a introdução que fiz para as nossas Regras e as deliberações tomadas nos nossos Capítulos-Gerais ou particulares.

Vês que minhas palavras requereriam muitas explicações, mas estás por certo capacitado a compreendê-las e, quando preciso, comunicá-las aos nossos irmãos.

Apenas puderes, apresenta-te ao senhor arcebispo dom Espinosa, aos seus vigários-gerais, padre Carranza, doutor Ferraro e a outros amigos, e apresentarás a todos e a cada um humildes e afetuosos obséquios como se eu falasse com cada um deles.

Deus te abençoe, caro padre Costamagna, e contigo abençoe e conserve em boa saúde todos os nossos coirmãos e as nossas coirmãs, e Maria Auxiliadora vos guie a todos pelo caminho do céu. *Amen.*

Rezai por mim.

Vosso afeiçoadíssimo amigo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

156. Carta ao padre Domingos Tomatis

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 451-452.

Mathi, 14 de agosto de 1885

Meu caro padre Tomatis,

O fato de receber tão raramente cartas tuas faz-me pensar que tens muito que fazer; acredito; mas dar notícias tuas ao teu caro Dom Bosco merece certamente estar entre os afazeres que não se devem descuidar. Escrever o quê? Tu dirás. Escrever sobre a tua saúde e sobre a saúde dos nossos irmãos; se as Regras da Congregação são fielmente observadas; se se fez e como se faz o exercício da boa morte. Número dos alunos e esperanças que te dão de bom êxito. Fazes alguma coisa para cultivar as vocações, tens alguma esperança quanto a elas? O padre Ceccarelli é sempre um verdadeiro amigo dos salesianos? São respostas que espero com grande prazer.

Como a minha vida corre a grandes passos para o seu termo, assim as coisas que te quero escrever nesta carta são as que te haveria de recomendar nos últimos dias de exílio. Meu testamento para ti.

Caro padre Tomatis: mantém fixa na mente a ideia de que te fizeste salesiano para te salvar; prega e recomenda a todos os nossos irmãos a mesma verdade.

Lembra-te de que não basta saber as coisas, mas é preciso praticá-las. Deus nos ajude a fim de que não sejam para nós as palavras do Salvador: *Dicunt enim et non faciunt* (Mt 23,3).

Procura ver os teus negócios com os teus próprios olhos. Quando alguém cometer faltas ou negligências, avisa-o prontamente, sem esperar que os males se multipliquem.

Com a tua maneira exemplar de viver, com a caridade no falar, no mandar, no suportar os defeitos alheios, muitos serão conquistados para a Congregação. Recomenda constantemente a frequência dos sacramentos da confissão e comunhão.

As virtudes que te tornarão feliz no tempo e na eternidade são: a humildade e a caridade.

Sê sempre o amigo, o pai dos nossos irmãos; ajuda-os em tudo o que podes nas coisas espirituais e temporais, mas sabe servir-te deles em tudo o que pode valer para a maior glória de Deus.

Todo pensamento que exprimo nesta folha tem necessidade de ser um tanto explicado; podes fazer isso para ti e para os outros.

Deus te abençoe, meu sempre caro padre Tomatis, saúda cordialmente todos os nossos irmãos, amigos e benfeitores. Dize-lhes que todas as manhãs, na santa missa, rezo por eles e que me recomendo humildemente às orações de todos.

Deus permita que possamos um dia louvar o santo nome de Jesus e de Maria na bem-aventurada eternidade. *Amen.*

Dentro de pouco tempo te escreverei ou farei escrever outras coisas de alguma importância.

Maria nos mantenha a todos firmes e nos guie pelo caminho do céu. Amém.

Vosso afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

IV. PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS E QUESTÕES DISCIPLINARES (1846-1879)

Os dez breves documentos referidos em seguida – alguns talvez menos conhecidos do que os anteriores na historiografia salesiana – apresentam também eles interesse na ótica da maturação e da prática do sistema educativo de Dom Bosco. Trata-se de uma seleção, necessariamente limitada, de cartas pessoais a autoridades responsáveis pela Instrução Pública, a jovens e a educadores, e de circulares sobre temáticas pedagógico-didáticas.

A primeira carta, dirigida a um dos mais válidos auxiliares na Obra dos Oratórios, o teólogo Borel, foi redigida três décadas antes da publicação do fascículo sobre o Sistema Preventivo na educação da juventude, de 1877. Já em 1846, Dom Bosco mostra ter suas reservas quanto ao fato de um padre dentre os seus colaboradores, padre José Trivero, tratar os meninos com certo rigor (“com muita energia”).

Uma carta ao provedor dos Estudos, Francisco Selmi, apresenta particular interesse. Dom Bosco, nela, dá respostas pontuais a críticas relativas a alguns dos seus escritos e põe em evidência a falta de fundamento de certas acusações feitas contra ele e contra o Oratório de São Francisco de Sales.

No escrito enviado ao pretor urbano de Turim emergem, por sua vez, aspectos importantes da situação real de Valdocco em 1865. Ali se faz referência a problemas criados por “certos jovens, em geral enviados pela autoridade governamental”. Um desses rapazes “se mostrou não somente incorrigível, mas insultou, ameaçou e destratou seu assistente”.

Ao estudante Emanuel Fassati, Dom Bosco garante que continuará a rezar pelo seu bom êxito nos estudos, mas acrescenta: “Tu fazes um esforço: dedicação, diligência, submissão, obediência, tudo esteja em movimento, contanto que os exames tenham bom êxito”.

Neste grupo de documentos, dirigidos a diferentes destinatários, afloram temas que iriam ser frequentes nos escritos e nas intervenções de Dom Bosco: perigos das férias, disciplina (não entendida como “o castigo ou a vara, coisas que entre nós nem devem ser mencionadas”, mas como um “modo de viver conforme as Regras e os costumes do nosso Instituto”).

Respondendo em 1875 ao jovem sacerdote salesiano José Bertello sobre o modo de despertar o amor ao estudo entre os alunos, Dom Bosco aconselha: “Considera-os como teus irmãos; bondade, compaixão, respeito”.

Em 1879, numa carta ao príncipe Plácido Gabrielli, que – em nome da Administração do Albergue São Miguel em Ripa – propõe confiar à Sociedade

Salesiana a direção dos jovens daquele centro assistencial-educativo romano, Dom Bosco vê favoravelmente a proposta; todavia, sublinha que nas casas dirigidas pelos salesianos “usa-se um sistema disciplinar muito especial”, chamado “preventivo, no qual não se usam castigos nem ameaças”²¹.

157. Carta ao teólogo João Borel

Edição crítica em E(m) I, pp. 71-72.

Castelnuovo d’Asti, 31 de agosto de 1846

Caríssimo senhor teólogo,

Bravíssimo senhor teólogo! Tua carta repleta de detalhes serviu para mim e para alguns amigos meus como leitura muito agradável; estou muito contente em ver que as coisas do Oratório progridem da maneira que se esperava. Está bem que o padre Trivero se ofereça para trabalhar no Oratório; mas fica atento, porque ele trata os meninos com muita energia, e sei que alguns já ficaram muito desgostosos. Faze com que o óleo tempere todos os alimentos do nosso Oratório. Envio-te dois pombos do nosso sítio, que creio não serão de desgosto para o padre Pacchiotti; eu queria mandar dois frangos, mas minha mãe não concordou, porque ela quer que esse tipo de comida seja consumido no lugar onde foi produzido; mas disso falaremos em outra carta.

Ontem, aqui perto, houve o sepultamento de um homem que foi objeto de muitas conversas. Numa doença qualificada pelos médicos como incurável, por insistência de uma pessoa piedosa fez a promessa de se confessar e comungar e também de ir à missa. A promessa agradou a Deus que lhe restituiu a saúde. Acontece, porém, que o homem esqueceu a promessa; e embora sua mulher e outras pessoas, repetidamente, o tivessem advertido para manter a palavra dada a Deus, todavia, ele nada cumpriu. Que quer? Gozou de saúde

²¹ Destinatários das cartas inseridas na coletânea são: João Borel (1801-1873), sacerdote, teólogo, amigo e colaborador de Dom Bosco (que escreve Borelli); José Trivero († 1874), sacerdote, empenhado na Obra dos Oratórios. Lourenço Turchi, camponês, pai de João Turchi (1838-1909), estudante no Oratório. O pretor de Borgo Dora na cidade de Turim era, em 1865, João Devalle (E[m] II, p. 122). Emanuel Fassati (1852-1874), filho da marquesa Fassati, com o qual Dom Bosco mantém relação epistolar. João Cinzano (1854-), sacerdote, ex-salesiano. José Bertello (1848-1910), sacerdote salesiano, conselheiro profissional-geral (1898-1910). Plácido Gabrielli (1832-1911), filho do príncipe Mário Gabrielli e de Carlota Bonaparte, sobrinho de Luciano Bonaparte Napoleone.

aproximadamente durante um mês, mas sábado passado foi surpreendido por doença imprevista, e o infeliz em poucas horas passou para a eternidade, sem poder se confessar, nem comungar. Ontem, por ocasião do sepultamento, todos falavam desse fato.

Por favor, manda-me um exemplar dos livros: *Os seis domingos etc.*, *Luís Comollo*, *Anjo da Guarda*, *História Eclesiástica*, que encontrarás no armário perto da minha escrivaninha.

Minha situação de saúde continua a melhorar, só que de alguns dias para cá ando tendo dor de dentes: esta, porém, *incomoda e depois vai embora*. A uva já está madura, dize-o ao padre Pacchiotti e ao padre Bosio; pensa nisso também tu...

Teria muito prazer se me desses notícias de Genta, Gamba, dos dois Ferrero e di Piola, se estão indo bem, ou se vivem no mundo da lua, etc.

Saúda os nossos queridos colegas, padre Pacchiotti e padre Bosio, e crê-me sempre como de todo o coração me professo em nome do Senhor

Afeiçoadíssimo servo e amigo

Sac. João Bosco

P.S. Dá esta carta ao senhor teólogo Vola. Estou saindo para ir a Passerano encontrar-me com os amigos.

158. Carta ao provedor dos Estudos de Turim, Francisco Selmi

Edição crítica em E(m) I, pp. 588-590.

Turim, 13 de julho de 1863

Ilustríssimo senhor provedor,

Agradeço de todo o coração vossa senhoria por se ter dignado dizer-me com clareza as observações que, supondo serem reais, seriam merecidas pelas escolas dos nossos jovens pobres, pelo fato de estarem em oposição às determinações governamentais. Eu creio que o senhor também queira admitir como sinceras as observações feitas por mim; portanto, as divergências, como

o senhor gosta de dizer, se reduziriam a algumas coisas acidentais e que me parecem não dever causar nenhuma apreensão.

Todavia, desejando que o senhor compreenda bem o que eu dizia de passagem a respeito de suas respeitáveis observações, peço-lhe queira permitir-me que aqui eu reduza a poucos períodos a minha profissão de fé política.

São 23 anos desde que estou em Turim e sempre usei meus poucos recursos e as minhas forças nas prisões, nos hospitais, nas praças, em favor dos meninos abandonados. Entretanto, nem mediante a pregação, nem mediante os escritos, que, todos, sempre foram impressos com o meu nome, nem de alguma outra forma, jamais pretendi envolver-me em política. Por isso, a ligação com jornais, seja qual for a sua cor, por princípio é proibida nesta casa. Quando se afirma o contrário, trata-se de vozes vagas e sem nenhum fundamento. Quanto às coisas acidentais que o senhor aponta, direi o seguinte:

1° A instrução dos clérigos, que se pretenderia fosse contrária ao governo, não o é, porque aqui não recebem outra instrução a não ser a da literatura grega e latina. Quanto às matérias de filosofia, hebraico, Bíblia e teologia, vão regularmente para o seminário.

2° *A História da Itália* não é usada nas nossas classes, a não ser para a história romana. Quanto ao duque de Parma e a outros personagens, a respeito dos quais calei algumas ações lamentáveis, fiz isso para atender ao princípio estabelecido pelos célebres educadores Girard e Aporti, que recomendam calar nos livros destinados a jovens tudo o que pode causar impressão negativa nas suas mentes tenras e volúveis. Apesar disso, na próxima reimpressão, modificarei e também omitirei todas as passagens que o senhor me indicou ou que ainda pretender indicar.

3° Os programas das escolas não são diferentes dos programas governamentais, como pôde notar o senhor inspetor, cavalheiro Torsi, e o senhor doutor Vigna, seu secretário.

4° As *Leituras Católicas* não podem ser consideradas antipolíticas, dado que nelas nunca se fala de política. Se nelas há alguma coisa que para alguns parecem inexatas, isso deve ser perdoado a um pobre historiador que faz o que pode para escrever a verdade, e muitas vezes não consegue satisfazer o leitor, ou porque as coisas não são do seu agrado, ou porque não conseguiu haurir de fontes suficientemente apuradas. Mas também nisso eu me submeto ao que lhe disse verbalmente. Note, além disso, que eu sou um simples colaborador das *Leituras Católicas*. O escritório central fica em Turim, a direção cabe a outras pessoas. Nem tenho vantagem alguma, a não ser a da impressão, que serve para dar serviço aos nossos jovens pobres.

5º Houve também a acusação de que não temos o retrato do rei. Isso é completamente inexato, pois ele existe em vários lugares; nas três salas da administração, da secretaria e de audiência há um em cada ambiente. Será difícil encontrar casa de educação onde se reza mais do que nós pelo rei e por toda a família real.

Quanto às escolas, se me deixar continuar assim até que os atuais professores tenham terminado seus exames, será um bem que se fará aos jovens pobres, do contrário deverei buscar professores titulares e por isso recusar acolher determinado número de jovens pobres. Mas espero muito na continuação dos seus favores.

Quanto ao mais, pense que ambos somos pessoas públicas: o senhor por autoridade, eu por caridade; o senhor não precisa absolutamente de mim, ao passo que eu muito preciso do senhor. Mas ambos podemos merecer as bênçãos de Deus, a gratidão dos homens, fazendo o bem e tirando das ruas jovens pobres. O céu envie bênçãos copiosas sobre o senhor e toda sua família; queira compreender a renovação do incômodo que lhe causei e creia-me com plena estima

De vossa senhoria ilustríssima

Obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco.

159. Carta ao pretor urbano da cidade de Turim

Edição crítica em E(m) II, pp. 120-122.

[Turim, 18 de abril de 1865]

Ao senhor pretor urbano da cidade de Turim,

Dada a citação para intimar o clérigo Mazzarello, assistente na oficina dos encadernadores da casa dita Oratório de São Francisco de Sales; dadas igualmente as que intimam os jovens Frederico Parodi, João Castelli, José Guglielmi, e considerado atentamente o seu teor, o sacerdote João Bosco, diretor deste estabelecimento, desejando resolver a questão com o menor incômodo para as autoridades da pretura urbana, crê poder intervir em nome de

todos na causa relativa ao jovem Carlos Boglietti, pronto a fornecer a quem de direito as mais amplas satisfações.

Antes de acenar ao fato em questão, parece oportuno observar que o artigo 650 do código penal parece inteiramente estranho ao assunto de que se trata, pois, interpretado no sentido pretendido pela pretura, acabaria por intrometer-se no regime doméstico das famílias; os pais e quem faz suas vezes não poderiam mais corrigir os próprios filhos, nem impedir uma insolência e uma insubordinação, coisas que seriam de grave dano para a moralidade pública e particular.

Além disso, a fim de controlar alguns jovens, em geral enviados pela autoridade governamental, foi concedida a faculdade de usar todos os meios que fossem considerados oportunos, e em casos extremos, entregá-los aos cuidados da segurança pública, como se fez diversas vezes.

Vindo agora ao caso de Carlos Boglietti, deve-se afirmar com tristeza, mas francamente, que várias vezes ele foi paternalmente avisado; que se demonstrou não somente incorrigível, mas insultou, ameaçou e destratou seu assistente, clérigo Mazzarello, diante dos seus colegas. Este assistente, de índole tranquila e bondosa, ficou de tal modo assustado, que daquele dia em diante não pôde mais retomar seus deveres e ainda agora se encontra doente.

Depois daquele episódio, Boglietti fugiu de casa sem dizer nada aos seus superiores aos quais tinha sido encaminhado e somente deu a conhecer sua fuga mediante sua irmã, quando soube que se pretendia entregá-lo nas mãos da polícia. O que não foi feito para salvar sua honra.

Entretanto, seus colegas continuaram o escândalo que ele deu e foi preciso despedir alguns do estabelecimento, outros, com muita pena, entregá-los às autoridades da pública segurança que os levaram para a cadeia.

É com grandíssima pena que se vê um jovem desviado, que insulta e ameaça os seus superiores, e tem a audácia de citar perante as autoridades aqueles que para seu próprio bem consagram a vida e os recursos. Parece que a autoridade pública deveria vir sempre em auxílio da autoridade particular e não diversamente.

Caso se queira fazer um exame minucioso do acontecido e das testemunhas nomeadas, não há nenhum problema, contanto que Carlos Boglietti apresente no processo uma pessoa que responda pelas despesas que podem ocorrer e que se responsabilize pelas graves consequências que poderiam advir.

Entretanto, fazemos instância para que sejam reparados os danos que o assistente sofreu em sua honra e na sua pessoa, pelo menos até que possa retomar suas ocupações ordinárias.

Que as despesas desta causa corram por conta do jovem expulso. E que Carlos Boglietti e o senhor Estêvão Caneparo, seu parente ou conselheiro, nunca mais venham ao mencionado estabelecimento renovar os atos de insubordinação e os escândalos que já causaram outras vezes.

Sac. João Bosco

160. Carta ao jovem Emanuel Fassati

Edição crítica E(m) II, p. 253.

Turim, 1º de junho de 1866

Caro Emanuel,

Na tua querida carta que tiveste a bondade de me escrever pedias que eu rezasse à Santa Virgem para que te concedesse boa vontade e força para estudar. Rezei de bom grado e de todo coração durante todo o mês de Maria. Mas não sei se fui atendido. Gostaria muito de saber, embora eu tenha motivos para crer que sim.

Papai, mamãe e Azélia estão bem; muitas vezes os vejo às cinco e meia da tarde, e a nossa conversa em grande parte é sempre a teu respeito. Eles estão sempre inquietos, com medo que tu não vás para frente no estudo e acrescentes algum desgosto aos muitos que tu sabes que eles já tiveram neste ano. Eu sempre os conforto, apoiado no engenho, na boa vontade e nas promessas de Emanuel.

Ainda dois meses e depois, que bela festa, se os teus exames saírem bem! Por isso, caro Emanuel, eu continuarei a recomendar-te a Deus. Tu fazes um esforço: dedicação, diligência, submissão, obediência, tudo esteja em movimento, para que os exames tenham bom êxito.

Deus te abençoe, caro Emanuel; sê sempre a consolação dos teus pais mediante bom procedimento; reza também por mim que de coração sou teu Afeioadíssimo amigo

Sac. João Bosco

161. Circular: as férias

Edição crítica em E(m) II, pp. 517-518.

[Turim, abril de 1868]

[Benemérito senhor],

Diante de repetidas instâncias de muitos respeitáveis pais de família e após muitos convites de homens experientes na educação da juventude, julguei oportuno tomar a seguinte deliberação: as férias ao longo de todo o ano serão reduzidas a um só mês, de 15 de setembro a 15 de outubro. Esta determinação foi tomada pelos seguintes motivos.

1° Os colégios mais apreciados da Itália e nos quais florescem melhor os estudos não concedem mais do que um mês de férias para os alunos.

2° A experiência de vários anos mostra que os alunos, passando três meses longe das aulas, perdem grande parte do proveito obtido ao longo do ano escolar.

3° Com isso ganha-se tempo para aqueles que, com mais idade, precisam percorrer mais rapidamente o curso dos estudos.

Espero que vossa senhoria veja de bom grado esta modificação, feita unicamente com vistas ao maior aproveitamento que poderão obter os jovens, para quem manifestamos toda a nossa benevolência no Senhor, a cuja honra a glória dedicamos no passado e atualmente as nossas pobres fadigas.

Durante os meses mais quentes procurar-se-á prolongar o recreio e fazer passeios mais frequentes, para proporcionar aos jovens a saúde necessária do corpo, e para que possam atender com todo empenho possível aos seus estudos. Isso serve também como conforto para os parentes.

Humílimo servidor

O Diretor

[Sac. João Bosco]

162. Circular aos salesianos sobre a disciplina

Edição crítica em E(m) IV, pp. 177-180.

Turim, 16 de novembro de 1873

Aos meus filhos da casa de...

Sobre a disciplina

Meus queridos filhos, no início deste ano escolar convém que eu cumpra a promessa de falar-vos a respeito do fundamento da moralidade e do estudo que é a disciplina entre os alunos.

Não pretendo apresentar-vos um tratado de preceitos morais ou civis que se referem à disciplina; somente quero expor-vos os meios que a experiência de 45 anos provou serem fecundos em bons resultados.

Essas provas, esses resultados, espero que servirão também para vós como ensinamento nas várias tarefas que vos podem ser confiadas.

Por disciplina eu não entendo correção, castigo ou vara, coisas das quais entre nós nem se deve falar; nem artifício ou maestria em alguma coisa; por disciplina eu entendo *um modo de viver de acordo com as Regras e os costumes de um instituto*.

Por isso, para obter bons resultados da disciplina, antes de tudo é preciso que as Regras sejam observadas, todas, e por todos.

Dai-me uma família na qual sejam muitos a recolher e um só a dispersar; um edifício no qual sejam muitos a construir e um só a destruir; veremos a família ir para a ruína, o edifício esboroar-se e reduzir-se a um monte de calça.

Essa observância deve existir nos sócios da Congregação e nos jovens que a divina Providência confia aos nossos cuidados; pois a disciplina fica sem efeito, se as Regras da Sociedade e do colégio não forem observadas.

Crede, meus caros, dessa observância depende o aproveitamento moral e científico dos alunos ou então a sua ruína.

A esta altura, vós perguntareis: quais são essas regras práticas que nos podem ajudar na aquisição de tesouro tão precioso?

Duas coisas: uma geral e outra particular. Em geral, observai as Regras da Congregação e a disciplina triunfará.

Ninguém ignore as regras próprias do seu encargo; observe-as e faça observá-las por seus dependentes. Se quem preside não é observante, não pode pretender que os seus dependentes façam o que ele descuida; do contrário se responderia a ele: *medice, cura te ipsum*.

Todavia, para falar de alguns casos práticos, indicarei as coisas que em particular se referem a cada um.

1º *O diretor*. Ele deve ser instruído a respeito dos deveres, tanto dos sócios enquanto congregados, quanto dos sócios adidos a algum ofício.

Não é necessário que trabalhe muito, mas que vigie para que cada um cumpra a sua parte.

As nossas casas podem ser comparadas a um jardim. Não é preciso que o chefe de jardinagem trabalhe muito; basta que busque ajudantes práticos, que os instrua a respeito da jardinagem, assista, avise no momento oportuno, e nas coisas mais importantes que ele também esteja presente para ajudar quem se encontrar em maiores dificuldades em algum ponto de maior relevo. Esse jardineiro é o diretor; as tenras plantinhas são os alunos; todo o pessoal são os cultivadores dependentes do patrão, ou seja, do diretor, que responde pelas ações de todos.

O diretor ganhará muito se não se afastar da casa que lhe foi confiada, a não ser por motivos razoáveis e graves; caso surjam motivos realmente graves, nunca se afaste sem primeiro definir quem o substitui nas coisas que podem ocorrer.

Com toda caridade visite com frequência ou pelo menos peça satisfação a respeito dos dormitórios, da cozinha, da enfermaria, das aulas e do estudo.

Seja constantemente aquele pai amoroso que deseja saber de tudo para fazer bem a todos, mal a ninguém.

2º *Prefeito*. – O prefeito ou censor da disciplina deve zelar pela observância do horário da casa; impedir, quanto possível, as relações dos internos com os externos; fazer de tal modo que os assistentes, e em geral os que detêm alguma autoridade, estejam em meio aos jovens no tempo do recreio.

Cuide para que nos passeios não haja paradas, quer dizer, que não haja paradas nas quais os alunos, interrompendo a caminhada, possam se afastar dos olhares dos assistentes.

Ninguém se afaste das filas, ninguém vá a cafés ou albergues; ninguém se ajunte a externos, nem introduza livros, jornais, cartas que não tenham passado pelas mãos dos superiores.

3º *Catequista*. – O catequista lembre que o espírito e o aproveitamento moral das nossas casas dependem da promoção do *Pequeno Clero*, da *Companhia da Imaculada Conceição*, do *Santíssimo Sacramento* e de *São Luís*.

Cuide para que todos, especialmente os coadjutores, tenham comodidade de frequentar a confissão e a comunhão.

Se entre as pessoas adidas aos trabalhos domésticos houver alguém necessitado de instrução, faça com que não lhe falte nada para receber a comunhão, a crisma, ajudar a santa missa e coisas semelhantes.

Antes das solenidades que se celebram, fale um pouco a respeito delas, e mediante breves exortações ou algum exemplo, prepare os alunos para que a festa seja celebrada com o maior decoro e solenidade possíveis.

4º *Professores*. – Os professores sejam os primeiros a entrar para a sala de aula e os últimos a sair.

Amem de forma igual todos os seus alunos; animem a todos, não desprezem nenhum deles.

Sejam bondosos com os mais ignorantes da classe, interessem-se muito por eles, interroguem-nos com frequência, e se for preciso, falem com quem de direito para que sejam também ajudados fora do tempo das aulas.

Cada professor deve lembrar-se de que é um professor cristão, por isso, nunca deixe de dizer um bom pensamento aos seus alunos, quando a matéria escolar ou alguma festa proporcionar a oportunidade para isso.

5º *Os assistentes*. – Todos os que exercem alguma autoridade nas aulas, nos dormitórios, na cozinha, na portaria e em qualquer parte da casa sejam pontuais nas suas obrigações, pratiquem as Regras da Sociedade, particularmente as práticas religiosas, mas se esforcem com a maior solicitude para impedir as murmurações contra os superiores, contra o andamento da casa, especialmente insistam, recomendem e nada descuidem para impedir as más conversas.

6° A todos é recomendado calorosamente que comuniquem ao diretor tudo o que puder servir como norma para promover o bem e impedir a ofensa de Deus.

O Senhor disse um dia a um seu discípulo: *Hoc fac et vives*. Faze isto, quer dizer, observa os meus preceitos e terás a vida eterna. Digo o mesmo a vós, meus querido filhos, esforçai-vos por praticar o que vos expôs este vosso afeiçoadíssimo pai, e tereis as bênçãos do Senhor, gozareis de paz no coração, a disciplina triunfará nas nossas casas e veremos os nossos alunos crescer de virtude em virtude e caminhar seguros pela caminho da sua eterna salvação.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre comigo e convosco, a fim de que todos possamos constantemente amá-lo e servi-lo nesta vida e, um dia, possamos ir louvá-lo e bendizê-lo eternamente no céu. Assim seja.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

163. Carta ao clérigo João Cinzano e aos seus alunos

Edição crítica em E(m) IV, pp. 244-245.

Roma, nonis martii [7 de março] de 1874

Caríssimo Cinzano e caríssimos estudantes,

Fizeste uma ótima proposta quando animaste os teus alunos a me oferecerem duas semanas de bom procedimento. Louvável o pensamento, louvabilíssimo o bom êxito.

Tu não me falas de ti mesmo, mas dizendo que por duas semanas todos receberam a nota: *todos optime*, creio que nessa palavra *todos*, estará compreendida também a tua reverenda pessoa, não é mesmo?

Por isso, agradeço a ti e a todos os teus alunos pelo presente que me destes; eu demonstrarei a minha gratidão assim que chegar em casa. Um cálice daquele bem puro, um bife, um doce, etc., etc., será o sinal de satisfação que darei a cada um.

Dentro em breve estarei novamente entre vós; convosco, que sois o objeto dos meus pensamentos e das minhas solitudes, convosco que sois os

donos do meu coração, e que, como diz Paulo, por onde quer que eu vá, vós sois sempre *gaudium meum et corona mea*. Sei que rezastes por mim, e vos agradeço; depois vos contarei o fruto das vossas orações.

Mas, meus queridos filhos, *motus in fine velocior*, preciso que dupliqueis as orações e o fervor, e que continueis a comportar-vos bem.

É pouco o que posso fazer por vós, mas é muito grande o prêmio que Deus tem preparado para vós. Eu também rezarei por vós, vos abençoo de todo coração, e vós fazei por mim uma vez a 172.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre convosco. *Amém*.

Tu vero, Cinzano fili mi, age viriliter ut coroneris feliciter, perge in exemplum bonorum operum. Argue, obsecra, increpa in omni patientia et doctrina. Spera in Domino: ipse enim dabit tibi velle et posse. Cura ut coniuges comites Viancino visites, eosque verbis meis saluta, eisque nomine meo omnia fausta precare. Vale in Domino.

Joannes Bosco sacerdos

164. Carta ao padre José Bertello

Edição crítica em E(m) IV, p. 448.

Turim, 9 de abril de 1875

Caríssimo Bertello²²,

Farei o que posso para despertar amor ao estudo entre os teus alunos; mas tu também faze o que puderes para cooperar.

1º Considera-os como teus irmãos; carinho, tolerância, atenção, eis as chaves do coração deles.

2º Fazer com que estudem somente o que podem e não mais. Fazer ler e compreender o texto do livro, sem digressões.

3º Interrogá-los com muita frequência, convidá-los a expor e a ler, a ler e a expor.

²² Cf. José BERTELLO, *Scritti e documenti sull'educazione e sulle scuole professionali*. Introdução, textos críticos e notas de J.M. Prellezo. "Istituto Storico Salesiano". Roma. LAS 2010, pp. 10-11.

4º Encorajar sempre, jamais humilhar; louvar quanto possível, sem nunca desprezar, a não ser que se queira demonstrar desgosto como castigo.

Experimenta pôr isso em prática e depois responde-me. Eu rezarei por ti e pelos teus e crê-me em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

165. Carta a uma mãe preocupada com seu filho

Edição em E III, pp. 411-412.

Turim, 11 de novembro de 1878

Respeitável senhora,

Sem dúvida é uma situação ruim a de seu filho. Idade, ciência, dinheiro são laços terríveis de que o demônio se serve para levar tantos jovens incautos à ruína espiritual e corporal. Uma mãe cristã, nesses casos, deve:

1º Tratá-lo com bondade, acompanhá-lo por toda parte, se ele aceitar. Arrazoar com ele, aconselhá-lo quanto aos santos sacramentos, às pregações, boas leituras. Se não ceder, tenha paciência, mas continue.

2º Se quiser, pode dizer-lhe com certeza que se não se comportar melhor, sua vida será muito abreviada e talvez...

3º Procure ligá-lo a parentes e a outras pessoas honestas e afastá-lo dos maus companheiros.

4º Orações a Deus e a Santa Mônica.

Na minha pobreza farei também eu orações a Maria Auxiliadora. Por sua vez, eu preciso muito da sua caridade espiritual e corporal. Tenho uma messe copiosíssima entre as mãos; daria para salvar muitas almas, mas me faltam os meios materiais.

Deus a abençoe com toda a sua família e reze também por mim que serei sempre em Jesus Cristo seu

Humilde servidor

Sac. João Bosco

166. Carta ao príncipe Gabrielli: proposta do Albergue São Miguel em Ripa e prática do Sistema Preventivo

ASC A1710601 *Lettere autografe di don Bosco* manuscrito de Joaquim Berto com correções e acréscimos autógrafos; edição em E III, pp. 481-482²³.

Roma, [30 de junho de 1879]

Excelentíssimo senhor príncipe,

Alguns empenhos dos dias passados me privaram do prazer de responder prontamente à sua respeitável carta de 4 deste mês de junho.

Agora apresento os meus humildes agradecimentos ao senhor e a toda a Administração do Albergue de São Miguel, que quis pedir à Pia Sociedade de São Francisco de Sales para prestar serviço naquele instituto religioso.

Eu desejaria que a respeitável Administração alcançasse o seu escopo e que da minha parte eu pudesse me encontrar em situação de poder satisfazê-la. Por isso, será conveniente que eu me explique a respeito da parte mais essencial da sua carta: confiar a direção dos jovens e sua imediata dependência e vigilância.

De modo geral, estas propostas em si são mais do que aceitáveis, e eu tentarei traduzi-las em prática neste sentido:

1º A Administração exerce sua autoridade sobre tudo o que se refere a finanças, ao pessoal relativo, compras, vendas, construções, reformas e coisas semelhantes.

2º O sacerdote Bosco providenciará diretor, ecônomo, prefeitos, porteiros, chefes de oficinas, professores de escola e servidores, na quantidade que for necessária para garantir a disciplina, a moralidade e o aproveitamento pessoal dos alunos. E para isto será definida uma discreta soma para cada indivíduo ou globalmente.

3º A Administração estabelecerá uma diária ou mensalidade com relação aos jovens que entende sejam acolhidos no instituto.

4º O diretor do internato é o responsável por tudo o que se refere ao instituto e recebe os jovens alunos conforme as condições que a Administração haverá de definir.

²³ As tratativas iniciadas não chegaram a uma conclusão positiva: cf. G. BARBERIS, *Cronachetta* 1879, Quad. 15, p. 13.

O mesmo diretor está disposto a conservar no respectivo serviço as atuais pessoas de serviço e os chefes de oficina cujos méritos e conveniências a Administração reconhecer.

Dessa forma, a Administração teria todas as vantagens financeiras que deseja, conservaria intato o escopo do instituto e exerceria sua plena autoridade, enquanto a *Sociedade Salesiana*, por sua vez, poderia pôr em prática todos os meios que para ela são indispensáveis a fim de alcançar seus objetivos. Pois em nossas casas usamos um sistema disciplinar completamente especial, que nós chamamos de preventivo, no qual jamais se usam castigos ou ameaças.

O trato gentil, a razão, a bondade e uma vigilância muito particular são os únicos meios que usamos para conseguir disciplina e moralidade entre os alunos, como vossa excelência terá notado pelo regulamento da casa de Turim, que serve também para todas as nossas casas da Itália, da França e da América.

Seria para mim algo muito grato se vossa excelência ou algum dos senhores administradores, vindo a Turim, nos honrasse com uma visita neste nosso internato e observasse o que se haveria de eliminar ou acrescentar a fim de aplicar o nosso regulamento ao de São Miguel em Ripa.

Expus brevemente alguns meus pensamentos; precisando tratar ulteriormente, poderá me escrever, e encarregarei algum amigo da prefeitura de Roma ou do ministério do Interior, pessoas que, conhecedoras como são de nossas coisas, poderão fornecer os devidos esclarecimento e também tratar em meu nome.

Peço a Deus que o conserve em boa saúde e me creia com a máxima estima

De vossa excelência humilde servidor

[Sac. João Bosco]

V. LEITURAS EDUCATIVAS E DIFUSÃO DOS BONS LIVROS (1860-1885)

Dom Bosco – lembra o padre Miguel Rua numa breve crônica de 1867 – “entristecido ao ver o imenso mal que se vai fazendo especialmente entre a juventude mediante a leitura de maus livros, elaborou o projeto de fazer uma associação de livros bons, modernos e clássicos”.

O projeto tornou-se realidade no ano seguinte, com o início da publicação da “Biblioteca da Juventude Italiana” ou “biblioteca dos Clássicos Italianos”²⁴.

A iniciativa se inseria no âmbito das realizações consolidadas precedentemente e das que, mais numerosas, deveriam ser realizadas depois. Na realidade, “Dom Bosco não se deu tréguas como escritor, editor e propagandista, porque estava pessoalmente persuadido de que pregar a boa nova por meio da imprensa era um serviço que devia prestar irrevogavelmente à religião, uma explicitação necessária da sua vocação de educador da juventude e do povo”²⁵.

Junto com o programa publicado em 1868, são incluídas nesta seção quatro cartas circulares, nas quais se examina, desde perspectivas e com acentuações diversas, o tema das leituras educativas. Apresentam particular interesse as duas circulares publicadas em 1884 e 1885. Na primeira, Dom Bosco se concentra num ponto que considera “importantíssimo”, referente aos “livros que se devem tirar das mãos dos nossos jovens” e “àqueles que se devem usar para as leituras individuais ou para as que são feitas em comum”. A segunda desenvolve de forma mais ampla e articulada a questão da “difusão de bons livros” entre o povo em geral e entre os jovens em particular, que – garante Dom Bosco – “é um dos fins principais” da Congregação Salesiana.

Nessa perspectiva se insere também a carta pessoal dirigida ao padre J. B. Lemoyne, diretor do colégio-internato de Lanzo²⁶.

²⁴ Eugenio CERIA, *Annali della Società salesiana. Dalle origini alla morte di S. Giovanni Bosco (1841-1888)*. Turim, SEI [1941], pp. 147-118, 686; cf. Francesco TRANIELLO (a cura di), *Don Bosco nella storia della cultura popolare*. Torino, SEI 1987; Francesco MALGERI, *Don Bosco y la prensa*, em José Manuel PRELLEZO GARCÍA (editor), *Don Bosco en la historia. Actas del Primer Congreso Internacional de Estudios sobre San Juan Bosco*. Roma/Madri, LAS/CCS 1990, pp. 441-450.

²⁵ Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Primeiro volume: *Vita e opere*. Segunda edição revista pelo autor. Roma, LAS 1979, p. 247.

²⁶ Giovanni Battista Lemoyne (1839-1916), sacerdote salesiano, escritor, secretário do Conselho Superior, colaborador e historiador de Dom Bosco.

167. Circular: Ofertas para a difusão de bons livros

Edição crítica em E(m) I, p. 397.

Turim, 6 de março de 1860

Ofertas para a difusão de bons livros

No ano passado, algumas pessoas piedosas se associaram para recolher ofertas a fim de distribuir bons livros nos hospitais, especialmente entre os militares. A iniciativa teve bom êxito; muitos livros maus foram recolhidos, entregues às chamas, enquanto esses foram substituídos por livros bons.

Atualmente continua o esforço para difundir impressos perversos; muitos sacerdotes e religiosos que pregam na quaresma ou nos exercícios espirituais, como também diversos párocos e outros sacerdotes, querendo opor-se ao mal crescente, pedem livros religiosos ou de devoção, que seriam utilmente distribuídos nos catecismos e em muitas outras oportunidades, mas lhes faltam meios para adquiri-los.

Com esse objetivo, recorreremos a católicos generosos, convidando-os a tomar parte e a inscrever-se para essa oferta, que parece oportuna para as necessidades dos tempos atuais. O abaixo assinado, de acordo com outros sacerdotes, se empenhará em satisfazer os vários pedidos feitos com este propósito.

Deus não deixará de recompensar a obra que se faz em favor da nossa santa religião católica.

Sac. João Bosco

168. Biblioteca da Juventude Italiana

Edição impressa em MB IX, 429-430 [1868].

A necessidade sentida por toda parte de instruir a juventude na língua italiana deve animar todos os cultores dessa nossa nobre língua a usar os meios que estão ao seu alcance para facilitar o estudo e o conhecimento.

É com esta intenção que se pensou em criar a Biblioteca da Juventude Italiana. Seu escopo é o de publicar os textos antigos e modernos que mais de

perto possam interessar à juventude culta. Para ter bom êxito nesse empreendimento foi instituída uma sociedade de professores beneméritos e célebres e de doutores em letras, os quais se propõem:

1º Recolher e publicar os melhores clássicos da nossa língua italiana, redigidos em ortografia moderna, a fim de que, com mais facilidade, possam ser lidos e compreendidos pelo jovem leitor;

2º Selecionar os que, pela amenidade da matéria e a pureza da linguagem, servirem melhor para a finalidade proposta;

3º Nos comentários, quando for o caso, haverá somente algumas breves anotações que sirvam para esclarecer o sentido literal, atendo-se às interpretações dos comentaristas mais insignes;

4º Consideramos ser conveniente omitir em parte e mesmo completamente aqueles autores que, embora insignes, contêm matéria ofensiva à religião ou à moralidade;

5º Haverá o máximo cuidado a fim de que a parte tipográfica em nada deixe a desejar pela nitidez dos caracteres, a qualidade do papel e a exatidão da impressão.

Dito isso, nós nos colocamos a trabalhar, recomendando o bom êxito aos educadores da juventude e a todos os amantes da glória da língua italiana e do maior bem da juventude.

Condições para a associação

1º A Biblioteca da Juventude será composta por cerca de cem pequenos volumes, de 200 páginas cada um aproximadamente.

2º A associação é obrigatória por um ano e cada mês se publicará um volume, mas de tal modo que a cada ano se disponha de obras completas.

3º O preço da associação é de 6 libras por ano, a serem pagas antecipadamente. Os volumes são enviados gratuitamente pelo correio para dentro do país; para o exterior, o aumento será proporcional.

4º Quem conseguir dez associados, terá uma cópia gratuita. As casas de educação ou outras pessoas que se associarem para 50 cópias receberão 60.

5º Os pagamentos são feitos às pessoas com quem se fez a assinatura, pessoalmente ou mediante um vale postal e também em selos.

6º O escritório central está em Turim; qualquer impresso, carta ou correspondência deve ser enviado a pagar.

O endereço será simplesmente:

Ao Diretor da Biblioteca da Juventude Italiana.

Oratório de São Francisco de Sales

Turim

169. Carta ao padre João Batista Lemoyne

Edição crítica em E(m) II, pp. 476-477.

Turim, 8 de janeiro de 1868

Caríssimo padre Lemoyne,

A seu tempo, recebi a tua carta e também as cartas coletivas e especiais desses nossos jovens. Eu li todas com a maior consolação e devo confessar: por várias vezes me comovi diante de tantos sinais de afeto e benevolência. Pena que não tenho tempo para responder a cada um; espero fazê-lo pessoalmente dentro de não muito tempo. Entretanto, peço que digas a eles da minha parte três coisas:

1° Que eu vos agradeço a todos pela boa vontade e pelo afeto que me demonstrastes para além do meu merecimento. Eu procurarei recompensar-vos ao recomendar-vos diariamente na santa missa, como se todos estivésseis comigo a meu redor.

2° Neste ano tenho absoluta necessidade de que, desde o primeiro superior até o último da casa, reine a caridade em suportar com paciência os defeitos dos outros e em dar-vos bons avisos e conselhos sempre que houver oportunidade. Esta é a chave que abre a porta da felicidade durante o ano inteiro.

3° Promova-se a visita frequente ao Santíssimo Sacramento, como meio eficaz, aliás, como único meio para manter longe os muitos flagelos que neste ano nos ameaçam em público e em particular.

Estas coisas, no momento oportuno, sejam devidamente explicadas e sejam tema de observações de ordem moral, segundo julgares mais apropriado.

Este ano precisamos impedir as más leituras e promover as boas, por isso eu gostaria muito que todos os nossos queridos alunos se associassem às

Leituras Católicas; enquanto isso, todos os superiores e também os jovens procurem propô-las e propagá-las junto a pessoas de quem se pode esperar uma boa acolhida da proposta.

Tu vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistae, ministerium tuum imple; argue, obsecra, increpa in omni patientia et doctrina, et in perdifficilibus rebus dic constanter: omnia possum in eo qui me confortat.

Deus te abençoe, abençoe tuas fadigas, os professores, os assistentes e todos os jovens. Rezaí por mim que serei sempre vosso

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

P.S. De Magistris me escreveu uma carta em que me diz coisas estupendas. Se tudo isso corresponder de fato ao seu pensamento, creio que esteja quase pronto para dar o golpe final. Procura falar-lhe um pouco neste sentido. Indo a Lanzo, depois farei o resto.

170. Circular: Difusão das Leituras Católicas e da Biblioteca dos Clássicos Italianos

Edição crítica em E(m) IV, pp. 582-583.

[Turim, segunda metade de dezembro de 1875]

Aos nossos beneméritos correspondentes e benévolos leitores,

Estamos contentes por poder anunciar-vos, beneméritos correspondentes, e a vós, benévolos leitores, que as *Leituras Católicas* e a *Biblioteca dos Clássicos Italianos*, diversas vezes recomendadas ao vosso zelo, continuarão também neste ano de 1876 a sair com a mesma regularidade das que foram publicadas até agora.

Aliás, podemos até garantir que a isso somaremos um empenho especial quanto ao papel, à impressão e à expedição, e mais ainda agora quanto à seleção das matérias que serão, o mais possível, úteis, amenas, interessantes e morais.

Nossas fadigas, porém, precisam do vosso apoio e do vosso auxílio na promoção e propagação dessas publicações, da maneira e nos lugares que na vossa iluminada prudência julgardes ser oportuno.

Muitos bispos, arcebispos e o próprio santo padre abençoaram e recomendaram a difusão desses livretos; basta isso para garantir a bondade da iniciativa. De fato, as *Leituras Católicas* visam a conservar no meio do povo os princípios sadios da nossa santa religião; enquanto os *Clássicos Italianos*, expurgados, precisam promover e conservar os bons costumes da juventude estudiosa.

As tristes consequências provenientes da má imprensa e os sacrifícios que alguns suportam para difundi-la certamente farão dizer ao bom cristão: se fazem tanto os maus para difundir o mal, não devemos os bons pelo menos fazer o mesmo para propagar o bem?

Não faz muito tempo, alguém disse: o que se gasta para a difusão de livros bons, pode ser comparado ao óbolo que se dá ao pobre faminto.

Nós, portanto, confiamos na vossa cooperação, e não podendo demonstrar-vos de outra forma a nossa gratidão, pedimos a Deus que vos cumule com as suas bênçãos celestes e vos conceda longos anos de vida feliz; entretanto, em nome de todos, tenho a honra de professar-me, em nome da Direção e dos colaboradores

Obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

171. Circular: Leituras

ASC A1750409 Circular aos salesianos, com assinatura autógrafa; edição impressa em *Lettere circolari di DB*, pp. 15-20 (cf. MB XVII, 197-200).

No dia da festa de Todos os Santos [1884]

Meus caríssimos filhos em Jesus Cristo,

Uma razão gravíssima me leva a vos escrever esta carta no início do ano escolar. Vós sabeis quanta afeição eu nutro pelas almas que o bendito Jesus Senhor nosso, na sua infinita bondade, quis confiar-me, e por outra parte, não deveis desconhecer a responsabilidade que pesa sobre os educadores da juventude, e que contas minuciosas eles deverão prestar à justiça divina pela sua missão.

Esta responsabilidade eu devo mantê-la indivisa junto convosco, meus caríssimos filhos, e desejo que seja para vós e para mim origem, fonte, causa de glória e de vida eterna. Por isso, pensei em chamar a vossa atenção a respeito de um ponto importantíssimo, do qual pode depender a salvação dos nossos alunos. Falo dos livros que se devem tirar das mãos dos nossos jovens e dos que se devem usar para as leituras individuais ou para as que são feitas em comum.

As primeiras impressões que as mentes virgens e os corações tenros recebem duram por todo o tempo da sua vida; e os livros hoje em dia são uma das causas principais disso. A leitura para eles possui um fortíssimo atrativo, estimulando a sua incontrollável curiosidade, e desta depende muitíssimas vezes a escolha definitiva que fazem do bem ou do mal. Os inimigos das almas conhecem o poder dessa arma e a experiência mostra como sabem usá-la maliciosamente para dano da inocência. Títulos estranhos, beleza do papel, nitidez dos caracteres, finura das imagens, modicidade dos preços, popularidade do estilo, variedade das tramas, vivacidade das descrições, tudo é usado com arte e prudência diabólicas.

Portanto, cabe a nós opor armas a armas; arrancar das mãos dos nossos jovens o veneno que a impiedade e a imoralidade lhes oferecem: aos maus livros opor livros bons. Ai de nós se dormirmos enquanto o homem inimigo vigia continuamente para semear a cizânia.

Por isso, desde o princípio do ano escolar, ponha-se em prática o que as Regras prescrevem, observe-se atentamente que livros os jovens trazem consigo ao entrar para o colégio, destinando, se for preciso, uma pessoa para

inspecionar baús e pacotes. Além disso, o diretor da casa imponha aos jovens fazer o elenco consciencioso de cada livro e apresentá-lo a ele pessoalmente. Esta medida não será supérflua, quer porque se poderá examinar melhor se algum livro passou inobservado, quer porque, conservando esses elencos, em dada circunstância poderão servir como norma de ação contra quem maliciosamente tiver escondido algum livro mau.

Essa vigilância deve continuar o ano todo, quer ordenando aos alunos que entreguem todo livro novo que comprarem durante o curso escolar ou que for trazido pelos parentes, amigos e colegas externos; quer observando que, por ignorância ou por malícia, não cheguem aos jovens pacotes embrulhados em jornais maliciosos; quer fazendo prudentes perquisições no estudo, no quarto, na escola.

A diligência usada para esta finalidade nunca é demais. O professor, o responsável pelo estudo, o assistente observem também que coisa se lê na igreja ou no recreio, na escola, no estudo. Os dicionários não expurgados também devem ser eliminados. Para muitos jovens são o princípio da malícia, das insídias dos maus companheiros. Um mau livro é uma peste que arruína muitos jovens. O diretor considere ter obtido uma bela vitória quando conseguir tirar das mãos de algum aluno um desses livros.

Infelizmente, os jovens que conservam maus livros dificilmente se prestam a obedecer e recorrem a todas as astúcias para escondê-los. O diretor deve lutar contra a avareza, a curiosidade, o medo do castigo, o respeito humano, as paixões desenfreadas. Por isso, eu creio necessário conquistar o coração dos jovens, persuadindo-os com a doçura. Muitas vezes, durante o ano, do púlpito, à noite, nas aulas, tratar do assunto dos livros maus, fazer ver os danos que deles derivam; persuadir os jovens que não se quer outra coisa senão a salvação das suas almas, que nós, depois de Deus, amamos acima de todas as coisas.

Não se use de rigor, a não ser no caso de algum jovem ser motivo de ruína para os outros. Se alguém entregar um livro mau ano adentro, dissimule-se a desobediência passada e se aceite aquele livro como um belíssimo presente. Tanto mais que às vezes pode ser o confessor que lhe prescreveu essa entrega, e seria imprudência querer saber mais do que isso. A conhecida benignidade dos superiores levaria também os colegas à denúncia de quem escondesse livros semelhantes.

Descoberto, porém, um livro proibido pela Igreja ou imoral, seja imediatamente dado ao fogo. Já foram vistos livros tirados dos jovens e conservados serem causa de ruína para padres e clérigos.

Fazendo assim, eu espero que os maus livros não entrem nos nossos colégios, e se entrarem, que sejam imediatamente destruídos.

Mas, além dos maus livros, é preciso estar atento em relação a outros tipos de livros, que, embora bons ou indiferentes, também podem resultar perigosos porque não convenientes à idade, ao lugar, aos estudos, às inclinações, às paixões nascentes, à vocação. Também esses devem ser eliminados. Quanto a livros honestos e amenos, se for possível excluí-los, seria de grande vantagem para o aproveitamento nos estudos; os professores, controlando as tarefas escolares, poderão regular o tempo para os alunos. Sendo, porém, atualmente quase irrefreável a mania de ler, e também muitos livros bons estimulando demais as paixões e a imaginação, se Deus me der vida, pensei em organizar e imprimir uma coleção de livros amenos para a juventude.

Digo isto a respeito dos livros que são lidos em particular. Pelo que se refere às leituras feitas em comum nos refeitórios, nos dormitórios e na sala de estudo, direi em primeiro lugar que não se leiam nunca livros, se antes não tiverem sido aprovados pelo diretor, e sejam excluídos os romances de qualquer tipo que não saíam da nossa tipografia.

No refeitório leia-se o *Boletim*, as *Leituras Católicas*, à medida que forem publicadas, e nos intervalos, os livros históricos impressos no Oratório, a *História da Itália*, a *História Eclesiástica* e dos papas, as narrações sobre a América e sobre outros argumentos, mas publicados na coleção das *Leituras Católicas*, e os livros históricos ou de contos da *Biblioteca da Juventude*. Estes últimos poderiam ser lidos no estudo, onde ainda houver o costume de uma leitura no último quarto de hora, antes da aula de canto.

Quanto à leitura nos dormitórios, entendo eliminar absolutamente qualquer tipo de leitura fantasiosa ou amena, mas desejo que sejam adotados livros que, mediante suas impressões no ânimo do jovem que está para dormir, sejam aptos a torná-lo sempre melhor. Portanto, será muito útil usar nessa circunstância livros agradáveis, mas de argumento preferentemente sagrado ou ascético. Eu começaria com as biografias dos nossos jovens *Comollo*, *Savio*, *Besuccho*, etc., e continuaria com aqueles livretos das *Leituras Católicas* que tratam de religião; terminaria com as vidas dos santos, mas escolhendo as mais atraentes e oportunas.

Essas leituras feitas depois do boa-noite, partindo de um coração que deseja a salvação das almas, estou certo de que às vezes produz melhores resultados do que possa fazer um curso de exercícios espirituais.

Para obter plenamente esses efeitos almejados e fazer com que os nossos livros sirvam como antídoto contra os livros maus, peço-vos e vos esconjuro que vós mesmos ameias as publicações dos nossos irmãos, mantendo-vos livres de qualquer sentimento de inveja ou de pouca estima. Se por acaso encontrar-des alguma falha, mediante sugestões e também com a vossa colaboração, se

tiverdes tempo, ponde-vos à disposição, para que se possam fazer as correções necessárias, notificando as vossas observações ao próprio autor ou aos superiores a quem cabe a revisão das nossas publicações. Nunca, porém, saia da vossa boca alguma censura. A honra de um é a honra de todos. Se os jovens ouvirem o professor ou o assistente louvar um livro, eles também o estimarão, louvarão e lerão.

Lembraí-vos de uma grande palavra do santo padre Pio IX dirigida um dia aos salesianos: “Imitai o exemplo dos padres da Companhia de Jesus. Por que seus escritores são tão estimados? Porque os irmãos se esforçam para rever e corrigir, como se as obras de um coirmão fossem próprias; pois, em público, celebrando seus méritos mediante todos os jornais de que dispõem, proporcionam-lhes uma fama exímia, e em particular, nas suas conversas, em seus lábios só ressoam palavras de louvor. Jamais ouvireis algum desses padres, que, aliás, se contam aos milhares, fazer uma crítica que diminua a fama de um coirmão”.

Fazei vós também assim em meio aos nossos queridos jovens e estai certos de que os nossos livros farão um bem imenso.

Meus caros filhos, ouvi, guardai, praticai estas minhas orientações. Sinto que os meus anos caminham para o ocaso. Também os vossos passam velozmente. Trabalhem, portanto, com zelo, a fim de que a messe das almas salvas seja abundante e possa ser apresentada ao bom Pai de família, que é Deus. O Senhor vos abençoe, e convosco abençoe os nossos jovens alunos, que cumprimentareis da minha parte, recomendando às suas orações este pobre velho que muito os ama em Jesus Cristo.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

172. Circular aos salesianos sobre a difusão de bons livros

ASC A1750411 Circolari ai Salesiani, Diffusione dei buoni libri; edição impressa em *Lettere circolari di DB*, pp. 15-20.

Turim, 19 de março, festa de São José, 1885

Caríssimos filhos em Jesus Cristo,

Deus sabe quão vivo é meu desejo de ver-vos, de estar no meio de vós, de falar-vos das nossas coisas, de consolar-me com a recíproca confiança dos nossos corações. Infelizmente, queridos filhos, a fraqueza das minhas antigas doenças, os negócios urgentes que me chamam para a França, impedem-me, pelo menos por ora, de satisfazer os impulsos do meu afeto por vós.

Não podendo visitar-vos a todos pessoalmente, venho a vós por carta, e estou certo de que vos agradareis da lembrança contínua que guardo de vós; de vós que, assim como sois a minha esperança, sois também a minha glória e o meu apoio. Por isso, desejoso de ver-vos todos os dias crescendo sempre mais no zelo e em méritos diante de Deus, não deixarei de sugerir-vos de quando em quando os diversos meios que considero melhores para que o vosso ministério resulte sempre mais frutuoso. Entre esses meios, o que eu entendo recomendar-vos calorosamente, para a glória de Deus e a salvação das almas, é a difusão de bons livros.

Eu não hesito em chamar de divino este meio, pois o próprio Deus se serviu dele para a regeneração do homem. Foram os livros inspirados por ele que levaram por todo o mundo a sua sã doutrina. Ele quis que em todas as cidades e vilas da Palestina houvesse cópias, e que todos os sábados se fizesse leitura deles nas assembleias religiosas. No começo, esses livros foram patrimônio unicamente do povo hebreu, mas, quando as tribos foram levadas em cativeiro para a Assíria e a Caldeia, eis que a Sagrada Escritura foi traduzida em língua siro-caldaica e toda a Ásia central pôde tê-la em mãos na própria língua.

Prevalecendo a potência grega, os hebreus instalaram suas colônias em todos os cantos da terra, e com elas se multiplicaram ao infinito os livros sagrados; e os Setenta, mediante sua versão, enriqueceram com esses livros as bibliotecas dos povos pagãos; de tal modo que os oradores, os poetas, os filósofos daqueles tempos puderam haurir da Bíblia não poucas verdades. Deus, principalmente mediante seus escritos inspirados, preparava assim o mundo para a vinda do Salvador.

Cabe, pois, a nós imitar a obra do Pai celeste. Os livros bons, difundidos em meio ao povo, são um dos meios aptos a manter o Reino do Salvador em tantas almas. Os pensamentos, os princípios, a moral de um livro católico são substância extraída dos livros divinos e da tradição apostólica. Eles são tanto mais necessários quanto mais a impiedade e a imoralidade hoje em dia usam essa arma para fazer estragos no redil de Jesus Cristo, para levar e arrastar para a perdição os incautos e os desobedientes. Portanto, é necessário opor arma a arma.

É preciso ainda dizer que, se por um lado, o livro não possui aquela força intrínseca de que é dotada a palavra viva, por outro, em certas circunstâncias apresenta vantagens ainda maiores. O livro bom entra até mesmo nas casas onde não pode entrar o sacerdote, é tolerado até pelos maus como recordação ou como presente. Apresentando-se, ele não enrubesce, descuidado, ele não se inquieta, lido, ensina a verdade com calma, desprezado, não se queixa, e deixa na consciência o remorso que às vezes acende o desejo de conhecer a verdade, ao passo que ele está sempre pronto a ensiná-la.

Às vezes, ele fica empoeirado sobre uma mesa ou numa biblioteca. Ninguém pensa nele. Mas chega a hora da solidão ou da tristeza, da dor ou do tédio, da necessidade de distração ou da ansiedade pelo futuro, e este amigo fiel depõe seu pó, abre suas folhas e se renovam as conversões admiráveis de Santo Agostinho, do Beato Colombino e de Santo Inácio. Gentil com os medrosos por respeito humano, entretém-se com eles sem ninguém suspeitar; familiar com os bons, está sempre pronto a manter uma troca de ideias; está com eles o tempo todo, vai com eles para todo lugar. Quantas almas foram salvas pelos livros bons, quantas foram preservadas do erro, quantas encorajadas para o bem!

Quem dá um bom livro, se não tiver outro merecimento senão o de despertar um pensamento de Deus, já teria adquirido um mérito incomparável junto de Deus. Entretanto, quanto se consegue mais do que isso! Um livro numa família, se não é lido por aquele a que foi destinado ou doado, é lido pelo filho ou pela filha, pelo amigo ou pelo vizinho. Um livro num povoado ou numa cidade passa pelas mãos de cem pessoas.

Só Deus sabe o bem que um livro produz numa cidade, numa biblioteca circular, numa sociedade de operários, num hospital, doado como sinal de amizade. Nem precisa reear que um livro possa ser rejeitado por algumas pessoas pelo fato de ser bom. Pelo contrário. Um nosso coirmão, todas as vezes que em Marselha ia até o cais do porto, levava sua provisão de livros bons para com eles presentear os carregadores, os trabalhadores, os marinheiros. Pois bem, esses livros sempre foram acolhidos com alegria e reconhecimento, e às vezes eram lidos imediatamente com viva curiosidade.

Feitas essas observações e omitidas muitas delas que vós mesmos já conheceis, desejo pôr diante dos vossos olhos as razões pelas quais deveis ani-

mar-vos a promover com todas as forças e com todos os meios a difusão de bons livros, não só como católicos, mas especialmente como salesianos:

1. Este foi um dos principais empreendimentos que a divina Providência me confiou, e vós sabeis como eu tive que dele me ocupar com incansável dedicação, apesar das mil e uma ocupações. O ódio raivoso dos inimigos do bem, as perseguições contra a minha pessoa demonstraram como o erro via nesses livros um adversário e, por motivo oposto, um empreendimento abençoado por Deus.

2. De fato, a difusão admirável desses livros é um argumento para provar a assistência especial de Deus. Em menos de trinta anos, somam cerca de vinte milhões os fascículos ou volumes distribuídos por nós entre o povo. Se algum livro tiver ficado esquecido, outros terão tido uma centena de leitores e, portanto, o número das pessoas a quem os nossos livros fizeram bem, pode-se crer com certeza que foi muitíssimo maior do que o número dos volumes publicados.

3. Esta difusão dos bons livros é uma das finalidades principais da nossa Congregação. O artigo 7 do parágrafo primeiro das nossas Regras diz a respeito dos salesianos: “Dedicar-se-ão a difundir bons livros entre o povo, usando todos os meios que a caridade cristã inspira. Mediante as palavras e os escritos procurarão opor um obstáculo à impiedade e à heresia que de tantas maneiras procura insinuar-se entre os rudes e os ignorantes. A esta finalidade devem dirigir-se as pregações, que, de tempos em tempos se fazem ao povo, os tríduos, as novenas e a difusão dos bons livros”.

4. Por isso, entre esses livros que se devem difundir, eu proponho que se escolham os que têm fama de serem bons, morais e religiosos; e devemos preferir as obras que saíram das nossas tipografias, quer porque a vantagem material que daí deriva se mudará em caridade pela manutenção de nossos jovens pobres, quer porque as nossas publicações tendem a formar um sistema ordenado que abrange em vasta escala todas as classes que formam a sociedade humana. Não quero me deter somente neste ponto; de preferência quero acenar a uma só classe, a dos jovens, à qual sempre procurei fazer o bem, não somente com a palavra viva, mas também mediante a imprensa.

Por meio das *Leituras Católicas*, enquanto desejava instruir todo o povo, tinha em mente entrar nas casas, fazer conhecer o espírito que predomina nos nossos colégios e atrair os jovens para a virtude, especialmente mediante as biografias de Savio, Besucco e semelhantes. Por meio do *Jovem Instruído* tive em mente levá-los para a igreja, instilar neles o espírito de piedade e enamá-los pela frequência dos sacramentos. Por meio da coleção dos clássicos italianos e latinos depurados e mediante a *História da Itália* e de outros livros históricos ou literários, quis sentar-me a seu lado na escola e preservá-los de tantos erros e de tantas paixões que seriam fatais para eles no tempo e na eternidade. Eu desejava, como outrora, ser companheiro nas horas do recreio, e pensei organizar uma série de livros amenos que espero não demorará a ver a luz.

Finalmente, mediante o *Boletim Salesiano*, entre as muitas minhas finalidades, tive também esta: a de manter vivo nos jovens que voltaram para as próprias famílias o amor ao espírito de São Francisco de Sales e às máximas eternas, e fazer deles mesmos os salvadores de outros jovens. Não vos digo que eu tenha alcançado meu ideal de perfeição; antes, vos direi que toca a vós coordená-lo de tal modo que se complete em todas as suas partes.

Peço-vos e vos esconjuro, portanto, que não descuideis dessa parte importantíssima da nossa missão. Iniciai-a não somente entre os jovens que a Providência vos confiou, mas com as vossas palavras e com o vosso exemplo fazei deles apóstolos da difusão dos bons livros.

No começo do ano os alunos, especialmente os novos, são tomados de entusiasmo pela proposta dessas nossas associações, tanto mais ao ver que se trata de desembolsar uma soma muito diminuta. Procurai, porém, que essas adesões sejam espontâneas e não impostas, e mediante ponderadas exortações, levai os jovens a associar-se, não somente em vista do bem que esses livros farão a eles, mas também pelo bem que com eles podem fazer aos outros, enviando-os para casa à medida que são publicados, ao pai, à mãe, aos irmãos, aos benfeitores. Também os parentes pouco praticantes ficam comovidos diante da recordação de um filho, de um irmão distante, e facilmente são induzidos a ler o livro, senão por outro motivo, pela curiosidade.

É preciso cuidar, porém, que essas expedições não assumam o aspecto de um sermão ou de lições para os parentes, mas sempre e somente como um presente gentil ou uma lembrança afetiva. Os jovens, voltando para casa, oferecendo-os aos amigos, dando-os aos parentes, ao entregá-los como compensação de um serviço, ao cedê-los ao pároco, pedindo que os distribua, ao procurar novos associados, se esforcem para aumentar os méritos das suas boas obras.

Persuadi-vos, meus queridos filhos, que estas iniciativas atrairão sobre vós e sobre os nossos jovens as bênçãos mais eleitas de Deus.

Termino: a conclusão desta carta tirai-a vós mesmos, fazendo com que os nossos jovens busquem os princípios morais e cristãos especialmente em nossas produções, evitando desprezar os livros dos outros. Devo, porém, dizer-vos que senti grande dor no coração quando soube que em algumas das nossas casas, livros impressos por nós, especificamente para a juventude, foram às vezes deixados num canto ou não foram levados em conta. Não deveis amar e não deveis fazer amar pelos outros aquela ciência que, no dizer do Apóstolo, *inflat*, e lembrai-vos de que Santo Agostinho, tornando-se bispo, embora exímio mestre de belas letras e eloquente orador, preferia as impropriedades da língua ou nenhuma elegância de estilo, a correr o risco de não ser entendido pelo povo.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre convosco. Rezai por mim.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

VI. “RESUMO” DE BOAS-NOITES AOS JOVENS DE VALDOCCO (1864-1877)

Entre as práticas mais originais adotadas pela praxe educativa de Valdocco, e conservadas na sucessiva tradição salesiana, devem-se pôr em relevo as “boas-noites”: falas breves, “discursinhos”, feitos depois das orações da noite. Dom Bosco se dirige aos jovens na presença dos seus educadores (superiores da casa, professores, assistentes), familiarmente, com linguagem simples e atraente.

Até agora não foram encontradas transcrições autógrafas desse tipo de intervenções. Todavia, no Arquivo Salesiano Central de Roma se conservam textos em número relevante, que recolhem os conteúdos integrais ou o “resumo” dos mesmos. Constituem testemunhos interessantes, transmitidos pelos mais atentos ouvintes; em particular, pelos membros de uma espécie de “sociedade” ou “comissão” de jovens colaboradores que, desde 1860-1861, se propõem “impedir que nada do que se refere a Dom Bosco caia no esquecimento”, fazendo todo o possível “para conservar a memória”. A esta finalidade correspondem precisamente as pequenas crônicas e os diários compilados por alguns dos membros da comissão a que se acenou há pouco. Entre os mais conhecidos: Júlio Barberis, Domingos Ruffino. Miguel Rua, João Batista Francesia²⁷.

O “resumo” de sete “boas-noites” aos estudantes de Valdocco nos meses de novembro e dezembro de 1864 oferece orientações práticas, com o objetivo de ajudar os ouvintes a “virar proveito dos estudos”. Discorrendo sobre esse argumento, Dom Bosco dá grande importância ao bom comportamento moral e religioso do estudante, como condição prévia indispensável.

Além disso, aqui transcrevemos duas “boas-noites” de 1877 – mais completas e provavelmente mais próximas da intervenção original – nas quais é tratado novamente o tema do estudo e das leituras, mas também outros assuntos característicos da proposta educativa ‘dombosquiana’: as férias, a fuga do ócio, os recreios e o jogo.

²⁷ Domingos Ruffino (1840-1865), sacerdote salesiano, diretor espiritual-geral (1863); diretor do colégio de Lanzo (1864); compilador de algumas *Crônicas do Oratório de São Francisco de Sales*.

173. Meios para tirar proveito dos estudos

ASC A0090102 *Sunto di Buone notti di don Bosco*, manuscrito alógrafo, 1864/65
(cf. MB VII, 817- 829).

24 de novembro

1º *Meio* – O primeiro meio para bem estudar é o temor de Deus: *Initium sapientiae timor Domini*. Quereis tornar-vos doutos e tirar grande proveito do estudo? Temei o Senhor. Tomai cuidado de não pecar, porque: *Sapientia non habitabit in corpore subdito peccatis*; a sabedoria dos homens deriva daquela de Deus. Além disso, que satisfação quereis que tenha em estudar quem tem o coração agitado pelas paixões. Como quereis que supere as dificuldades que se encontram, sem a ajuda de Deus? Homens verdadeiramente doutos nunca foram os que ofendiam a Deus. Vede São Francisco de Sales, Santo Tomás. A experiência ensina continuamente que os que aproveitam dos estudos são os que se mantêm longe do pecado. É verdade, há pessoas más que brilham por engenho e saber. Mas talvez em outros tempos com seu bom comportamento e com boas obras mereceram de Deus este grande dom do qual depois abusaram. Por outro lado, a maior parte delas não possui verdadeira sabedoria: têm a mente cheia de erros que ensinam aos outros. E se, por acaso, a alguma dessas pessoas más Deus permitiu que tirassem proveito dos estudos, apesar de serem suas inimigas, isso resultará em maior castigo e maior maldição para elas, tendo cometido o pecado.²⁸

25 de novembro

2º *Meio* – Nunca perder migalhas de tempo. O tempo, meus caros, é precioso. *Fili conserva tempus*. O tempo que se deve dedicar ao estudo, dedicai-o a ele por inteiro, não busqueis nunca pretextos para fugir da escola. No tempo de estudo, não deveis ler outros livros que nada têm a ver com a matéria escolar. Freai a fantasia. Vedes aquele jovem que está tão atento lendo um livro? Pensais que está estudando? Pobre de mim! Tem a mente distante milhares de quilômetros. Vede, sorri, parece-lhe ainda estar no recreio brincando com o pião, e pensa na vitória que conseguiu sobre um colega. Aquele

²⁸ O trecho “Vede São Francisco de Sales” até “depois abusaram” é extraído de MB VII, 817. O “resumo” somente refere: “São Francisco de Sales, Santo Tomás, etc.”.

outro pensa nas castanhas e no salame que tem no seu baú. O outro pensa naquele projeto, naquele passeio, naquela brincadeira. Não falo dos jovens que pensam em ofender a Deus, porque espero que aqui no Oratório não exista nenhum deles. Portanto, vamos estudar e não percamos tempo.

27 de novembro

3º *Meio* – Comer no tempo devido. Mata mais a gula do que a espada. Quereis instruir-vos? Não deveis viver para comer, mas comer para viver. De manhã e na hora da merenda, procurai ficar leves e não comer até não poder mais. Se tiverdes alguma comida guardada no vosso baú, não vos deixeis levar pela gula e comê-la toda de uma vez, conservai para os dias seguintes e assim não vos fará mal. Não creiais que eu vos digo isso por meu interesse: verdadeiramente, porque a experiência diz que se comeis um pão a menos no café da manhã, comereis 3 a mais na hora do almoço. Quem tem o estômago cheio demais, vai para a aula ou para o estudo com a cabeça cheia; tendo o estômago indisposto, muitas vezes combate inutilmente o sono, e se fica acordado, não faz nada. Ou então, se quiser se aplicar, pior ainda: a dor de cabeça toma conta dele e naquele dia não faz mais nada e às vezes só ganha uma bela indigestão.

28 de novembro

4º *Meio* – A companhia de jovens estudiosos é o meio mais apto para tirar proveito dos estudos. Quando vos encontrais no recreio, aproximai-vos dos colegas ou dos clérigos mais instruídos. Perguntai-lhes alguma coisa sobre geografia, latim, história; falando essas coisas entre vós, tirareis grande proveito! Também ao passear conversai sobre isso e deixai a companhia de certos vadios e contadores de lorotas, que mais ajudam a perder do que adquirir a ciência. As conversas inúteis não servem para nada; só servem para distrair a mente ou para esfriar os corações. Se quiseres tornar-te sábio, frequenta os sábios.

1º de dezembro

5º *Meio* – Fazei o recreio por inteiro, porque, divertindo-vos, tereis novas forças para estudar melhor quando chegar a hora da aula. Não transfor-

meis o tempo do recreio em tempo de estudo, porque, quando tiverdes que estudar, tereis a mente cansada e tirareis pouco proveito. Tomai cuidado com divertimentos exagerados e excessivos. Na hora do recreio há alguns que correm para cima e para baixo furiosamente, que acabam não fazendo recreio: a gente diria que pretendem se matar. Esbarram nos colegas, derrubam-nos ao chão, quebram o nariz, pisam uns nos outros, e quando o recreio termina, sudados e bufando, vão para o estudo, sim, mas a cabeça ainda está em revolução e precisam de descanso.

Não falo daqueles que gritam a ponto de ter dor de cabeça o dia inteiro; daqueles que no recreio têm más conversas; dos que se pegam a socos por divertimento: só digo que onde falta o temor de Deus é impensável tirar verdadeiramente proveito. Portanto, também no recreio deveis ser moderados; já não vos digo que não deveis brincar com o pião, barra comprida, etc. Pulai quanto quiserdes, diverti-vos, mas evitai os excessos. Também eu quando não tenho que me entreter com alguma pessoa que me procura faço recreio convosco, descanso, brinco, rio, mas não me quebro o pescoço para me divertir.

Portanto, o quinto meio para tirar proveito do estudo exige um recreio bem ordenado, como se pede a estudantes bem comportados. Observo também que alguns jovens falam de passeios e merendas com tanto entusiasmo que depois nas aulas não têm outra coisa na cabeça. Como vedes, do aproveitamento deles, pouco se pode esperar.

4 de dezembro

6º Meio – Para estudar com proveito e vencer as dificuldades no estudo dos autores, não vos deveis assustar. O que viestes fazer no Oratório? Estudar! Portanto, é natural que deveis aprender o que não sabeis. Por isso, coragem, não se deve deixar o trabalho pela metade. Não procedem bem os que, encontrando uma dificuldade, a evitam, dizendo: isso aqui eu não entendo, e passam a outro assunto; não, não se deve ir para outro assunto enquanto a dificuldade não for vencida e superada. Para conseguir fazer assim, recorrei a Jesus e Maria com alguma piedosa jaculatória e vereis que as dificuldades desaparecerão. Nunca vos esqueçais, meus queridos filhos, este meio para vencer as dificuldades, porque só Deus é Pai da ciência e ele a dá a quem quer e como quer; e Maria, vós a chamais todos os dias nas ladainhas *Sedes sapientiae*, ela é a Sede da sabedoria. Além disso, dirigi-vos também aos professores, aos assistentes: eles se preocuparão em vos ajudar; como também não deveis somente esforçar-vos para superar as dificuldades, mas também vos deveis

alegrar quando as encontrardes porque são elas que vos ajudam a aumentar o entendimento. Que adianta gloriar-se de aprender o que se entende com facilidade?

5 de dezembro

7º Meio – Consiste em ocupar-vos com assuntos relativos ao vosso estudo. É preciso que fixemos bem na mente que os estudos estranhos à nossa escola devem ser postos de lado. Há jovens que leem muito, mas coisas leves, sem perceber que não fazem mais do que enganar a própria mente. Há muitos que leem poesias, contos, coisas boas, mas que deixam de lado o próprio dever. Quando tiverdes feito o vosso dever, sobra ainda alguma hora de tempo? Pois bem, repassai as lições já estudadas, voltai a ler novamente algumas regras de gramática que já fugiram da vossa cabeça e não percais tempo lendo a vida de *Gianduja* ou de *Bertoldo* e de *Cacasenno**.

174. Férias, recreios, fuga do ócio

ASC A0000303, *Conferenze*, 1877-1878, Quad. III, manuscrito alógrafo, pp. 17-21
(cf. MB XIII, 431-433).

Sexta-feira, 31 de agosto de 1877

Tenho uma bela notícia para dar-vos: segunda-feira começam as férias. Agrada-vos esta notícia? Vejo que pelo menos a alguns agrada. Eu fico contente que vós tireis férias. Todavia, posso dizer-vos que muitos pediram para passá-las aqui. Estou contente também com esses, mas quero que fiquem aqui de boa vontade. Haverá também para eles tempo de divertimento, passeios em abundância, mas teremos férias mais recolhidas e estaremos expostos a menores perigos. A única coisa que recomendo, tanto a uns como a outros, é a fuga do ócio. Sei que para alguns não agrada muito ir para as férias para trabalhar. No entanto, a palavra “férias” (em latim *vacare*) não significa repousar, como alguns pensam, mas aplicar-se, dedicar-se a alguma coisa. Assim, *vacare studio*, quer dizer dedicar-se ao estudo; *vacare agriculturae*, aplicar-se à agri-

* Personagens fantasiosos de histórias infantis.

cultura. O que eu desejo é que nos entendamos quanto às palavras. Fugir do ócio quer dizer não ficar sem fazer nada, também não quer dizer não trabalhar continuamente em trabalhos manuais, embora isso não seja para lamentar, pelo contrário, até recomendo. Eu lembro que quando ia para as férias, pegava couro e fazia sapatos e depois dava de presente. Pegava pano, cortava calças ou outra peça de roupa, depois costurava e fazia com elas o que queria. Ou então eu me ocupava com a madeira e fazia cadeiras, bancos. Na minha casa ainda hoje há mesas que fiz pessoalmente. Às vezes eu ia cortar a grama do campo, revolvia o feno, tendo numa mão Virgílio ou algum outro livro. Não pretendo propor-vos essas coisas como exemplo, mas somente para que vejais de quantas maneiras é possível ocupar o tempo durante as férias. Por isso, recomendo-vos que, indo para casa, quem tiver vinhedo, coma a uva mais madura; se encontrar pêssegos, figos, peras ou frutas em geral, coma das frutas mais maduras. Recomendo-vos que vos divirtais muito: jogai bochas, bola... Depois, em família, cada qual terá divertimentos especiais: baralho, damas, xadrez, etc. Fazei belos passeios, isso eu recomendo muito. Depois, cada um ainda encontrará muito tempo para ler, estudar para terminar alguma matéria que não conseguiu compreender bem.

Portanto, sempre trabalhar e divertir-se? Não, na hora do almoço comei, na hora do café da manhã, comi também, do mesmo modo ao jantar. Servi à mesa, desarrumai-a, servi também pão, contanto que não fiquéis no ócio. Descansai à noite e de manhã um pouco mais, mas tomai cuidado com um tipo de repouso que se chama *daemonium meridianum*. Isso se refere ao descanso feito depois do almoço: esse é o tempo do demônio. Se vos deixardes dominar por ele, o demônio poderá cantar vitória. Ele gira ao redor de vós e assovia aos ouvidos. Oh, que más conversas voltam à memória! Depois vos pisca um olho. Oh, que imagens feias se apresentam à memória! Essas tentações se fixam ali, e o rapaz não conseguirá desfazer-se delas e cairá nas garras do diabo. Cuidai, portanto, de não vos pordes na cama após o almoço. Se for necessário, sentai-vos numa cadeira e cochilai um pouco.

Mas, que conversa, esta! Vamos reduzi-la a algumas palavras: tende boas férias, mas não fiquéis sem fazer nada; se vós não trabalhades, o demônio trabalhará. De dia trabalhai; de noite dormi.

Eu teria ainda outras coisas para dizer, mas espero dizê-las no próximo domingo, antes de partir. Amanhã e depois de amanhã, que são os últimos dias que ficais aqui, eu desejo que todos venhais até mim e eu terei alguma coisa para dizer a cada um. Também gostaria que tomásseis nota do que Dom Bosco vos sugere para passar alegremente as férias. É para que passeis alegre-

mente as férias que vos dou estes conselhos, e se os praticardes, experimentareis e passareis férias muito felizes.

Boa-noite.

175. Convite à leitura

ASC A0000303 *Conferenze*, 1877-78, Quad. III, pp. 22-24 (cf. MB XIII, 437-438).

7 de outubro de 1877

Eu vos saúdo a todos e muito cordialmente, tanto mais que é a primeira vez que vos vejo depois das férias. Verdade é que ainda não chegaram todos, mas vejo que estamos aqui em bom número, e se agora houvesse uma mesa farta, claro que nós sozinhos lhe faríamos as devidas honras.

A maior parte de vós está aqui se preparando para entrar para o ginásio, passar a uma classe superior ou sanar algum problema resultante do exame final, e todos devem estudar. Há também outros que no início do ano devem repetir o exame dos tratados que estudaram no ano passado, e também estes devem estudar para completar e repetir os próprios tratados. Nesse número estão incluídos todos os clérigos.

E os demais que por acaso não têm ocupação fixa deverão tirar sempre férias? Quando não houver mais livros para ler, nem na livraria, nem na biblioteca ou quando já tiverem lido todos, então eu diria a eles: descansai. Mas enquanto houver livros para ler, direi sempre: lede! Entre esses estão os que vieram para superar os exames em filosofia e a eles eu aconselharia ler o tratado que deverão estudar neste ano; depois podem ler ou estudar um livro de Virgílio, de Horácio ou um canto de Dante ou repetir o que estudaram no curso de latinidade. Um livro que eu aconselharia que todos lessem é a *História da Itália*, e se alguém já a tiver lido cinco vezes, eu diria que continuasse a lê-la. Porque nos tempos atuais todas as histórias são falseadas: os inimigos da Igreja aproveitam a ocasião da história para poder difamá-la e desacreditá-la, narrando fatos exagerados ou totalmente falsos.

Pelo contrário, nessa história, os fatos são expostos na sua integridade histórica, brevemente, mas eles dão a chave para poder estudar a história da

Itália de forma mais particularizada e a história eclesiástica que a acompanha por afinidade. Não pretendo elogiar-me, expondo as vantagens da minha história, mas é só porque vejo nela grande utilidade.

Acabo de receber a notícia da morte do padre Cerruti. Amanhã rezaremos pela sua alma. Não é esta a única notícia de morte que tenho recebido nesses dias. Soube que morreu improvisamente no palco um ator famoso, e outro que representava com ele, vendo-o cair, também morreu repentinamente. Os que assistiam a uma comédia saíram consternados do teatro diante dessa terrível tragédia. Este não é o único caso, poderia falar de outros. Entretanto, estejamos preparados, para que quando chegar a morte, possamos responder como Abraão quando o Senhor o chamou: *Abraham, Abraham! Ecce, Domine, adsum.*

E por ora, boa-noite.